



UDESC

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO - FAED

CURSO DE GEOGRAFIA – LICENCIATURA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**SENTIDOS DE LUGAR: ANÁLISE DAS
PERCEPÇÕES ESPACIAIS DA
COMUNIDADE LGBT NO CENTRO DE
FLORIANÓPOLIS - SC**

CAROLINA MENGELBERG TEOTONIO DA SILVA

FLORIANÓPOLIS, 2017

CAROLINA MENGELBERG TEOTONIO DA SILVA

**SENTIDOS DE LUGAR: ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES ESPACIAIS DA
COMUNIDADE LGBT NO CENTRO DE FLORIANÓPOLIS - SC**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de Geografia, do Centro de
Ciências Humanas e da Educação - FAED,
como requisito para a obtenção de título de
Licenciado em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Nunes
Chaves

FLORIANÓPOLIS – SC

2017

Para meu avô Daniel Teotonio da Silva. Onde
você estiver, sei que estará me guiando e me
protegendo.

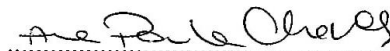
CAROLINA MENGELBERG TEOTONIO DA SILVA

**SENTIDOS DE LUGAR: ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES ESPACIAIS DA
COMUNIDADE LGBT NO CENTRO DE FLORIANÓPOLIS -SC**

Trabalho de conclusão de curso aprovado como requisito para obtenção do título de licenciada em geografia, no Curso de Graduação em Geografia do Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED, da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

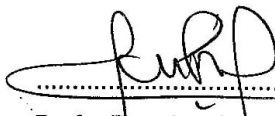
Banca examinadora:

Orientadora:



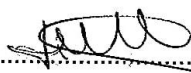
Prof. Dra. Ana Paula Nunes Chaves
UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro:



Prof. Dra. Ana Maria Hoepers Preve
UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro:



Prof. Dr. Jairo Valdati
UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

FLORIANÓPOLIS, 07 DE DEZEMBRO DE 2017.

AGRADECIMENTOS

Para a realização dessa pesquisa muitas pessoas se tornaram presentes e que me ajudaram durante todo o meu caminho. Dedico meus sinceros agradecimentos às pessoas que sempre estiveram presentes em minha vida e aquelas que conheci durante minha caminhada na graduação. A todos o meu muito obrigada por acreditarem na minha capacidade.

Agradeço os pilares principais da minha existência, meus pais. A minha mãe, Izabel, e meu pai, Ricardo, que nunca mediram esforços à minha formação para a vida e por me apoiarem em todas as minhas decisões. Agradeço muito pelo amor incondicional de vocês e sei que sem vocês não seria capaz de nada.

Agradeço aos meus avós, tias e tios, primos e primas por fazerem parte da minha vida e por estarem presentes em todos os momentos. Um agradecimento especial para minha tia avó, Terezinha, por sempre me incentivar com os estudos e com as minhas escolhas, eu te amo imensamente.

A minha orientadora, Ana Paula, que percorreu essa trajetória final junto a mim. Obrigada pelos conhecimentos, puxões de orelhas, conversas, desabafos e principalmente por acreditar na minha capacidade e na nossa pesquisa. Sou grata a tudo que você me ensinou durante a minha caminhada.

Um agradecimento especial para os melhores anjos que a Geografia me proporcionou. Amigas que irei levar por toda a minha vida: Julia Silva, Larissa Anjos e Natalia Feltz, palavras são poucas para descrever como a amizade de vocês é significativa em minha vida. Obrigada por todos os momentos em que tive vocês ao meu lado, pelas palhaçadas, as conversas, as festas, os momentos de tensão, por acreditarem em mim e pelos conselhos nas horas que mais necessitava. O apoio que vocês me deram, fez com que eu erguesse a minha cabeça e acreditasse na minha capacidade, mesmo com todas as dúvidas. Todos os momentos que vocês me proporcionaram estão guardados para sempre na minha memória e no meu coração, com toda certeza ganhei os melhores anjos da minha vida. Mais uma vez, meu muito obrigada por essa bela amizade que construímos, saibam que o amor que sinto por cada uma de vocês é algo que não cabe no peito.

Agradeço às pessoas que mesmo de longe não deixaram de acreditar que conseguiria chegar até o fim. Camilo Felipe, Marina Azevedo, Tayná Almeida, Júlia Ferreira, Bianca Elen e Mirela Zanolli, obrigada pela paciência dos meus dias irritados,

pelo apoio e pela ajuda que cada um me proporcionou. Sempre levarei vocês em meu coração e pelo resto da minha vida, amo muito vocês.

Meus agradecimentos ao Daniel Aguiar. Sem a ajuda dele, uma parte principal desse trabalho não sairia. Meus sinceros agradecimentos.

Um agradecimento mais do que especial a todos da comunidade LGBT que dedicaram parte de seu dia para contribuir com minha pesquisa. Esse trabalho é parte da luta pela igualdade de gênero.

Agradeço também aos meus colegas de turma que me incentivaram e que proporcionaram inesquecíveis momentos durante minha graduação. Muito obrigada!

Por fim, agradeço os integrantes da banca, professora Ana Preve e professor Jairo, por aceitarem o nosso convite e se disponibilizarem para suceder a leitura do trabalho. Suas contribuições serão de uma grande importância.

Eu sou filho do Arco-íris,
Eu tenho outra íris,
Eu tenho outro olhar.
E se o céu azul nos trás o arco-íris
É para que a terra inteira possa admirar.

Por isso esse amor esse orgulho,
Que a vida colocou dentro de mim,
E não importa a cor do meu amor,
É o Arco-íris que me faz brilhar assim

Pablo Vittar, Preta Gil, Daniela
Mercury, et al. (2017)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é identificar e analisar as sensações e percepções de lugares experienciados pela comunidade LGBT no centro de Florianópolis – SC. O referencial teórico aborda questões relativas a identidade de gênero e as lutas e conquistas dessa comunidade e como os estudos de gênero contribuem para os estudos geográficos. Como forma de alcançar os objetivos propostos, este trabalho contém como encaminhamento metodológico entrevistas a partir das percepções da comunidade LGBT frequentadora do centro de Florianópolis. A partir das referidas entrevistas foi realizada a análise das respostas com base nos dados obtidos. Como resultado se obteve as sensações causadas por determinados espaços no centro de Florianópolis.

Palavras-chave: Identidade de Gênero; Lugar; Percepção; LGBT

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Bandeira Arco-íris do Orgulho LGBT: Bandeira Arco-íris do Orgulho LGBT	22
Figura 2 - Mapa da área eleita para a pesquisa	36
Figura 3 - Mapa dos pontos onde foram realizadas as entrevistas.....	39
Figura 4 - Mercado Público de Florianópolis	43
Figura 5 - Rua Felipe Schmidt.....	43
Figura 6 - Largo da Alfândega	44
Figura 7 - Travessa Ratcliff	44
Figura 8 - 1007 Floripa.....	45
Figura 9 - Terminal de Integração do Centro (TICEN).....	45
Figura 10 - Mapa de auxílio nas entrevistas	48
Figura 11 - Mapa de lugares que transmitem sensações boas	49
Figura 12 - Mapa de espaços que transmitem sensações ruins	51

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Orientação sexual dos entrevistados.....	41
Gráfico 2 - Faixa etária dos entrevistados.....	41
Gráfico 3 - Frequência da utilização dos espaços no centro de Florianópolis	42

LISTAS DE ABREVIATURAS

CFM	Conselho Federal de Medicina
DPCAMI	Coordenadoria das Delegacias Especializadas no Atendimento à Mulher, Crianças, Adolescente e Idoso
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPUF	Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgênero
NEPEC	Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil
ONU	Organização das Nações Unidas
STF	Supremo Tribunal Federal
TICEN	Terminal de Integração do Centro
UEPG	Universidade Estadual de Ponta Grossa
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. A COMUNIDADE LGBT E O SEU PAPEL NA DISCUSSÃO SOBRE IDENTIDADE DE GÊNERO	16
1.1. IDENTIDADE DE GÊNERO	16
1.2. A COMUNIDADE LGBT	21
1.3. PESQUISA BIBLIOGRÁFICA SOBRE A TEMÁTICA LGBT E OS ESTUDOS GEOGRÁFICOS.....	26
2. A FORÇA DO LUGAR NOS ESTUDOS DE GEOGRAFIA E GÊNERO.....	29
2.1. ESPAÇO COMO LUGAR SIMBÓLICO	29
3. AS ESPACIALIDADES LGBT NO CENTRO DE FLORIANÓPOLIS	35
3.1. RECONHECENDO A ÁREA DE ESTUDO.....	35
3.2. LUGARES E SUAS DIFERENTES PERCEPÇÕES.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS.....	57
APÊNDICES	59

INTRODUÇÃO

LGBT é a sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros, que vem se destacando e ganhando espaço cada vez mais nos dias de hoje por seus movimentos em busca dos seus direitos. Este grupo se torna alvo de preconceitos, agressões por parte da população que não se simpatiza com este grupo, vendo a questão da homossexualidade como algo errado e doentio, algo fora do contexto da realidade de alguns.

Nesta questão do LGBT, a mídia também ajuda a promover a visibilidade desse grupo. Ao buscar sobre a temática em um dos jornais mais renomados do Estado de Santa Catarina, o Diário Catarinense, aparecem notícias dizendo sobre políticas públicas em defesa a esses grupos marginalizados, que enfrentam todos os dias dificuldades em ter seu próprio reconhecimento. Ao pesquisar sobre o tema LGBT no jornal de maior circulação do Estado, as primeiras manchetes que aparecem são sobre as políticas públicas. Uma das notícias da pesquisa merece destaque, pois informa que a Coordenadoria das Delegacias Especializadas no Atendimento à Mulher, Crianças, Adolescente e Idoso (DPCAMI) pretende incluir o atendimento à população LGBT, como acolhimento, investigações, segundo ao jornal Diário Catarinense.

A maioria das notícias que se tem na mídia catarinense sobre o grupo LGBT, além das políticas públicas, é sobre as festas que se espalham no Estado, principalmente na capital. São as baladas chamadas alternativas, onde se tem tanto o público homossexual quanto o público heterossexual frequentando o mesmo lugar. A mídia não relata muito sobre os casos de homofobia e preconceito a esse grupo, assim parecendo que não se importam com a questão social que isso relata. Sabemos que casos de homofobia estão cada vez mais frequentes em nosso dia a dia e a mídia, como uma fonte de referência rápida e de grande acesso, poderia abranger mais sobre as notícias sobre os grupos LGBT.

Os grupos marginalizados estão sempre em busca de seus direitos e seu espaço na sociedade. Eles querem garantir seus direitos de serem iguais aos outros e que não é por conta de uma orientação sexual que irá distingui-los dos outros ao seu redor, essa é uma luta constante que atualmente vem ganhando força. Um exemplo do que queremos afirmar pode ser visto no reconhecimento civil de casais homossexuais. Segundo Machado (2010, p.02),

No ano de 2011, o Supremo Tribunal Federal reconheceu o direito a união estável a casais homossexuais. Este direito contribui para que casais LGBT gozem dos mesmos direitos de casais heterossexuais, tanto quanto o reconhecimento civil de sua relação com o acesso a pensões, aposentadorias e inclusão em planos de saúde.

Quando notamos a presença desse público em diferentes espaços sociais, é visível a demarcação de territórios LGBT e, também, os conflitos ali presentes. Por ser um lugar onde se encontram pessoas com os mesmos estilos, os mesmos gostos, por exemplo na cidade do Rio de Janeiro, praia de Ipanema, se têm um território LGBT na areia da praia, juntamente com a população se tem o famoso símbolo desse grupo, a Bandeira Arco-íris, caracterizando assim a territorialidade LGBT em um espaço público. Além do exemplo do Rio de Janeiro, temos em Florianópolis o Bar da Deca, localizado na Praia Mole no leste da ilha, um bar construído há quase 30 anos, que não tinha o intuito de se tornar um local LGBT. Porém, durante o carnaval os gays descobriram o lugar e se identificaram com o mesmo, assim o tornando um bar quase 100% voltado para o público LGBT.

De acordo com Barreto (2010), a Geografia também pode dar sua contribuição nesse tema, ligando a questão de gênero à produção do espaço e dos lugares. O lugar será a categoria geográfica utilizada nesta pesquisa, porém em uma perspectiva simbólica, a partir de autores que discutem sobre o assunto irão mostrar como um determinado lugar produz percepções a um determinado grupo, neste caso o LGBT.

Este trabalho tem como tema as espacialidades LGBT e as percepções das experiências de lugar no centro de Florianópolis. Embora esse grupo seja foco de discriminações por parte da sociedade, eles também não deixam de ser agentes transformadores do espaço urbano. Segundo Corrêa (2003, p.12) “existem agentes sociais transformadores do espaço urbano, sendo um deles os grupos sociais excluídos”.

Portanto, este trabalho tem como objetivo geral identificar e analisar as sensações e percepções de lugares experienciados pela comunidade LGBT no centro de Florianópolis. Como objetivos específicos propomos: a) pesquisa bibliográfica sobre a temática LGBT e os estudos geográficos, b) mapear os lugares em que a comunidade LGBT utiliza no centro de Florianópolis, c) analisar as sensações e percepções causadas nesses espaços.

Para tanto, realizamos um levantamento bibliográfico acerca das temáticas LGBT e os estudos geográficos, além da construção de uma entrevista semiestruturado utilizado para as entrevistas com os indivíduos da comunidade LGBT em determinados espaços da cidade.

No primeiro capítulo será feita uma breve discussão acerca da identidade de gênero e sobre a comunidade LGBT e suas conquistas, que vem sendo discutida nos dias atuais e também problematizada pela sociedade. Por ser um grupo que está fora da heteronormatividade imposta pela sociedade, recebem críticas e discriminação da sociedade e principalmente de familiares. Porém, mesmo com o preconceito que enfrentam no dia a dia não fez com que esta comunidade se deixasse para trás, a luta por seus direitos vem cada vez mais forte e em evidência.

No segundo capítulo faremos uma breve discussão sobre a Geografia e os estudos de gênero e como tal temática vem ganhando força atualmente. Ainda neste capítulo, faremos um breve relato acerca de algumas referências bibliográficas que discutem a temática LGBT nos estudos geográficos.

O terceiro capítulo se divide em dois momentos, num primeiro momento será mostrado como realizamos o planejamento do campo, bem como a apresentação da área de estudo. Em um segundo momento será feita a apresentação e análise dos dados coletados em campo a partir das entrevistas realizadas com a comunidade LGBT.

A motivação para desenvolver essa pesquisa se deu por conta dos amigos próximos, que fazem parte da comunidade LGBT, juntamente com a frequência a esses espaços. Por tanto a ideia da realização da pesquisa se obteve, podendo estudar sobre um grupo que tem ganhado voz na sociedade.

1. A COMUNIDADE LGBT E O SEU PAPEL NA DISCUSSÃO SOBRE IDENTIDADE DE GÊNERO

Este capítulo se divide em duas sessões: a primeira refletirá sobre uma questão que atualmente vem sendo discutida de maneira efetiva e que está presente no nosso cotidiano tornando-se assim alvo de intensos debates: a discussão sobre identidade de gênero. A partir desta reflexão, a segunda sessão abordará sobre o grupo marginalizado LGBT, mostrando quem são e um pouco das suas conquistas e lutas diárias para se ter o reconhecimento na sociedade atual.

1.1. IDENTIDADE DE GÊNERO

A sexualidade pelo olhar de Costa (1994),

é o termo que se refere ao conjunto de fenômenos da vida sexual. Ela é o aspecto central de nossa personalidade, por meio da qual nos relacionamos com os outros, conseguimos amar, ter prazer e procriar.

Perante a definição de Costa, a sexualidade irá definir a personalidade de um determinado indivíduo, que permanece em constante transformação ao longo de sua vida. Com isso se abre uma pequena discussão a partir da identidade de gênero.

Segundo os princípios de Yogyakarta,

identidade de gênero refere-se à experiência interna, individual e profundamente sentida que cada pessoa tem em relação ao gênero, que pode, ou não, corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo-se aí o sentimento pessoal do corpo (que pode envolver, por livre escolha, modificação da aparência ou função corporal por meios médicos, cirúrgicos ou outros) e outras expressões de gênero, inclusive o modo de vestir-se, o modo de falar e maneirismos. (ONU, 2007, p.10)

Logo, não se deve atribuir apenas uma identidade sexual a pessoa, e sim, deixar que a mesma se represente de maneira que a deixa mais confortável. Com isso, atualmente a questão de identidade de gênero vem ganhando um novo cenário entre as pessoas, sendo alvo de grandes discussões e debates. Ainda hoje, boa parte da população acaba não aprovando as diferentes identidades de gênero, o que acaba por criar preconceitos e restrições em relação a esse assunto.

Tendo o sexo biológico definido com órgãos genitais masculino ou feminino, que seriam pênis, testículos, próstata no aparelho reprodutivo do homem e ovários, vagina, útero no aparelho reprodutivo feminino, não significa que certos indivíduos irão se identificar com o sexo que nasceram. Há situações em que os indivíduos se sentem diferentes em relação ao seu corpo, e o julgamento social faz com que se retraiam, não externalizando o seu verdadeiro desejo. Nesse sentido, Freitas irá afirmar que (2016, p.48),

é necessário entender que a identidade de gênero, que é como o sujeito se sente, independente de ter um órgão genital masculino e se sentir feminina e/ou ter órgão genital feminino e se sentir masculino.

Logo, a condição biológica de nascimento do indivíduo não se sobrepõe a sua identidade de gênero. Portanto, a questão sobre a pessoa nascer com o órgão genital masculino ou o órgão genital feminino, não impede que ele possa ter uma orientação sexual diferente a da maioria das pessoas.

Conforme defendido por Freitas (2016, p.46), o conceito de gênero será atribuído com as relações construídas socialmente, historicamente e/ou culturalmente e não referente ao sexo (aparelho reprodutivo) do sujeito. Como exemplo, no caso das travestis, que corporificam o aparelho sexual masculino juntamente com a identidade de gênero feminina, desejando o reconhecimento através de sua identidade de gênero e não pelo seu sexo biológico. Neste caso, o corpo acaba se tornando um instrumento de poder, ganhando visibilidade a partir desses indivíduos.

Wyllys (2014) traz de uma maneira bastante compreensível essa questão de identidade de gênero que vem sendo debatida atualmente, além de esclarecer os conceitos de sexo e orientação sexual. Para Wyllys (2014),

nós temos o sexo que a natureza nos dá, que guarda relação com nosso aparelho genital. Dito de maneira biológica: macho ou fêmea, conforme o órgão sexual com que nascemos. A identidade de gênero é a maneira como nos percebemos e nos colocamos no mundo, desempenhando o papel social esperado de cada gênero (homem ou mulher). A orientação sexual, por fim, é o sentido para o qual direcionamos nosso desejo, ou seja, nossa libido, a procura instintiva por prazer erótico. O sexo pode ou não coincidir com a identidade de gênero. Por exemplo, uma pessoa do sexo masculino pode ter uma identidade de gênero masculina: há aqui uma coincidência entre as duas coisas. Mas acontece também de uma pessoa assumir um gênero diferente de seu sexo — caso dos transexuais.

Wyllys aborda a questão de sexo biológico, identidade de gênero e orientação sexual tornando esses conceitos mais compreensíveis para um indivíduo leigo sobre o tema. Porém, a questão de identidade de gênero, onde o indivíduo se expressa da

maneira que se sente confortável. Segundo Freitas (2016, p.48) “esta questão é complexa, pois os indivíduos podem se sentir de diferentes formas. É necessário ressaltar que a identidade de gênero é moldada por contextos sociais e culturais diferentes, não sendo definida pelo sexo de nascimento”. Com isso cada indivíduo se representará da melhor forma com que se identifica, mesmo tendo o contragosto da sociedade.

As diferentes identidades de gênero não são vistas e muito menos aceitas facilmente pela sociedade como dito anteriormente, tornando um alvo de preconceito. Conforme Cabral, Ornat e Silva (2013, p.119),

a sociedade ocidental está convencionalmente organizada entre dois gêneros: masculino e feminino, com definição de papéis sociais originados pelo desempenho de homens e mulheres de forma bipolarizada. Aqueles que ousam subverter esta ordem binária dos sexos e gêneros são punidos de diversas formas, desde a marginalização, até mesmo a violência simbólica e física. Dentre os grupos transgressores da heteronormatividade compulsória como gays, lésbicas, travestis, transsexuais, pode-se afirmar que os dois últimos grupos são os que sofrem maior rejeição, já que as marcas corporais do enfrentamento à ordem bipolar estão expressas de forma material e não apenas em suas práticas e comportamentos sexuais.

Ou seja, muitas das agressões, dos olhares tortos que este grupo recebe por querer se identificar do modo que se sente mais adequado com seu instinto. A sociedade apenas vê o que realmente se torna padrão, relação entre homem e mulher, mulher sendo mulher e homem sendo homem, com isso a identidade de gênero é vista como algo fora do comum, tornando algo anormal, doentio e irresponsável. Esse tipo de visão faz com que o grupo LGBT (Lésbicas, Gay, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgênero) se torne alvo de preconceitos de diferentes naturezas.

Desse modo, Silva (2009) afirma que

a concepção da construção social que transforma fêmeas e machos humanos em homens e mulheres considera os gêneros masculino e feminino como papéis desempenhados socialmente. Dessa forma, o conceito de gênero nega a construção universal das diferenças sexuais e implica a análise temporal e espacial na configuração das relações sociais, envolvendo uma perspectiva relacional, já que as mulheres são concebidas na sua relação com os homens.

Essa concepção social implica que o padrão heterossexual, onde temos a relação do homem com a mulher, acaba se tornando o principal padrão de relacionamento social. Com esse padrão imposto pela sociedade, fazendo com que

os indivíduos com uma identidade de gênero diferente do padrão, acabe se retraindo e não se expressando da maneira em que gostaria ou tendo situações constrangedoras em público.

A orientação sexual não é dependente da identidade de gênero, de acordo com Knabben (2015, p.17) “a orientação sexual seria a primeira relativa ao desejo pessoal, podendo variar entre a assexualidade, bissexualidade, heterossexualidade, homossexualidade ou outras classificações”. Logo, existindo diferentes classificações para a orientação sexual.

Um artigo publicado no site português LGBT¹ mostra e conceitua de maneira mais sucinta as classificações sobre as diferentes orientações. Começando pela heterossexualidade, que é a orientação sexual que tem como característica a atração sexual e emocional entre pessoas do sexo oposto. Já a homossexualidade é a orientação sexual caracterizada pela atração sexual e afetiva entres indivíduos do mesmo sexo, em termos comuns designamos para os homens homossexuais o termo “gay” e para as mulheres homossexuais, “lésbicas”.

A bissexualidade é caracterizada pela atração sexual e sentimental entre pessoas tanto do mesmo sexo como do sexo oposto, sendo esta última a diferença entre a classificação homossexual. A transsexualidade se refere a um indivíduo transexual, que seria uma pessoa que não se identifica com o seu corpo juntamente com seu gênero psicológico não correspondente ao físico. Costa (1994, p.18) afirma também

Os travestis são pessoas com identidade de gênero diferente da maioria, pois SENTEM-SE ora homens, ora mulheres. Os transexuais, no entanto, têm uma identidade de gênero bem definida, embora em desacordo com o seu corpo biológico.

Podendo acontecer com homens que se sentem mulheres ou mulheres que se sentem homens. Atualmente é possível a realização da operação de mudança de sexo para que o homem se torne em mulher e vice-versa. E por último, vem a assexualidade onde se tem a falta de orientação e desejo sexual. As pessoas assexuais não sentem atração física e sexual com nenhuma pessoa e nem o desejo pelo prazer sexual. Os indivíduos assexuados não se identificam com nenhuma orientação definida

Logo, não deveria se ter apenas um padrão imposto pela sociedade, onde os indivíduos com suas diferentes orientações, mesmo sendo um grupo excluído, fazem

¹ Disponível em: <http://www.lgbt.pt/conheca-os-tipos-de-orientacao-sexual/>. Acesso em: 15/10/2017

parte, assim como os heterossexuais, da sociedade atual. Essa questão do padrão heterossexual e das diferentes orientações serem consideradas fora do padrão é um assunto delicado ainda de tratar-se atualmente, por mais que venha ganhando os olhares da sociedade contemporânea.

Freitas (2016, p. 50) comenta que

em nossa sociedade contemporânea, a noção de heterossexualidade é entendida como primordial e dominante e a homossexualidade como subordinada, numa oposição que se encontra onipresente na sociedade, marcando saberes, instituições, práticas, e valores que devem ser legitimados. É necessário refletir se o par “heterossexualidade e homossexualidade” são dialéticos, ao ponto de criar distinções, que legitimam o preconceito. No entanto, defende-se que seja necessário um entendimento de ambas as partes desde “par” como um todo, reconhecendo as diferenças e as respeitando-as.

Ou seja, essa questão de a heterossexualidade ser padrão de normalidade na sociedade entre um casal e da homossexualidade se tornar algo oprimido deveria ser balanceado. Podemos ter na sociedade o par em que Freitas diz, prevalecendo as diferenças e respeitando as mesmas, sem qualquer tipo de preconceito. Todos devem ser felizes do modo em que se sentem confortáveis.

Contudo a questão de identidade de gênero é a que mais tem visibilidade nos dias atuais. A questão dos transgêneros vêm sendo muito observada e questionada, por exemplo. Segundo Costa (1994, p.12),

Um exemplo extremo de inadequação da identidade de gênero ao corpo biológico de nascimento são os transexuais. Para eles, o corpo “é de um sexo e a alma é do outro”.

Os transgêneros são indivíduos que não se identificam com o corpo biológico de nascimento, como o caso da novela “A Força do Querer”, da emissora Globo, que relata a história de uma menina não se reconhece no corpo de mulher e só a partir da sua própria aceitação e mudanças pelo seu corpo, que a mesma se identifica com o corpo masculino.

A partir da pequena discussão sobre identidade de gênero, a próxima sessão trará um pouco sobre o grupo marginalizado, neste caso, o LGBT.

1.2. A COMUNIDADE LGBT

LGBT ou LBGT² é a sigla utilizada para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros, que consistem em diferentes classificações de orientações sexuais, ditas anteriormente. A sigla LGBT também é utilizada como nome de um movimento que luta pelos direitos dos homossexuais e, principalmente, contra a homofobia.

Uma das mais populares formas de representação exposta por grupos LGBT é a famosa bandeira arco-íris (conforme figura 1), tornando-se um símbolo da cultura LGBT. Esta bandeira representa a luta, o orgulho, a cultura e o reconhecimento deste grupo, sendo reconhecida internacionalmente. De acordo com o site português LGBT², inicialmente a bandeira LGBT tinha oito cores, porém atualmente apenas seis cores formam a bandeira LGBT. O rosa e o turquesa fazem parte das cores da antiga bandeira.

A cada cor se atribui um significado específico com o objetivo de definir a cultura e os interesses do movimento. Por exemplo, a cor roxa significa o espírito, o desejo de vontade e a força. Já a cor azul irá significar as artes e o amor pelo artístico. A cor verde simboliza a natureza e o amor pela mesma. A cor amarela simboliza o sol, a luz e a claridade da vida. A cor laranja simboliza a cura e o poder e, por último, a cor vermelha tem como significado o fogo, a vivacidade. As cores rosa e turquesa, presentes na antiga bandeira, simbolizam o sexo e o prazer carnal e também a harmonia e a pacificação, respectivamente.

²Disponível em: <http://www.lgbt.pt/cores-bandeira-lgbt/>. Acesso em: 08/10/2017

Figura 1 - Bandeira Arco-íris do Orgulho LGBT: Bandeira Arco-íris do Orgulho LGBT



Fonte: Associação Brasileira de Turismo LGBT. Disponível em: <http://www.abtlgbt.com.br/a-historia-por-tras-da-bandeira-arco-iris-simbolo-do-orgulho-lgbt/>. Acesso em: 10/10/2017.

Essa representação da bandeira arco-íris está em grande evidência, principalmente nas praias do Rio de Janeiro. Segundo Barreto (2010, p.18) em um trecho da praia de Ipanema, precisamente em frente à Rua Farne de Amoedo, é um local considerado território de convivência homossexual, onde a bandeira do arco-íris é a principal expressão deste grupo. O mesmo autor ainda afirma que é possível perceber outras expressões que contribuem para a visualização deste grupo, como as logomarcas de boates LGBT estampadas nos guarda-sóis presente nesse trecho da praia.

A sociedade vem sempre apontando como algo inadequado a questão dos homossexuais, principalmente na questão de serem um casal. Muitos da sociedade consideram algo impróprio ver um casal homossexual na rua, igual a um casal heterossexual. Segundo Machado (2015, p.2)

A primeira união estável entre um casal homoafetivo aconteceu em São Paulo, no dia 28 de julho de 2011, considerado o Dia Internacional de Orgulho Gay e Consciência Homossexual, desde o acontecimento de Stonewall em 1969.

Por tanto, pode-se deixar claro que é um reconhecimento, um casal homossexual, poder ter o seu direito de igualdade a um casal heterossexual. Além da sociedade fazer certo julgamento sobre este grupo, muitas vezes os próprios familiares são os responsáveis por certos preconceitos em relação aos homossexuais. Ainda de acordo com Machado (2015, p.4),

há uma tensão no seio familiar quanto à aceitação de componentes de orientação sexual e/ou identidade de gênero diferentes do padrão heteronormativo, o que contribui para que os laços entre os indivíduos familiares se deteriore, efetuando a evasão desses indivíduos da residência, ou, em pior escala a possibilidade de violência doméstica entre outros tipos de agravos no ambiente familiar.

Com isso, a relação familiar acaba se deteriorando, e uma relação que antes era de apoio acaba se tornando uma relação afastada e cheia de preconceitos. Em muitos casos esses indivíduos acabam saindo de casa por não terem o apoio dos familiares. Machado relata (2015, p. 4 e 5),

Por falta de apoio e despreparo para a vida adulta, ao serem atingidos por grandes estigmas quando à rejeição, condenação e desrespeito quanto à sua diferença, não encontram outra possibilidade de regularizar suas vidas e adentram a situação de riscos sociais onde seus laços familiares se encontram rompidos e não existe um espaço para morar e muito menos para trabalhar ou buscar emprego.

Com essa relação abalada e sem onde recorrer, muitos indivíduos procuram apartamentos com que possa dividir ou até mesmo repúblicas. Contudo, esse grupo marginalizado pela sociedade, como dito anteriormente, vem ganhando força e visibilidade no espaço social com suas lutas, em busca de seus direitos e políticas públicas e lutando contra o preconceito.

Em uma notícia publicada no site do Supremo Tribunal Federal (STF), em maio de 2011, os ministros do Supremo Tribunal, ao julgarem a Ação Direta de Inconstitucionalidade 4277 e a Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental 132, reconheceram a união estável para casais do mesmo sexo como entidade familiar. Além do direito da união estável reconhecido pelo Supremo Tribunal, outro direito concebido para os homossexuais foi o de adoção de crianças e adolescentes por casais LGBT. Segundo Machado (2015, p.3),

Entendemos que uma família LGBT no Brasil pode ser possível, mas ainda há muita discriminação e repúdio por setores tradicionais e religiosos evangélicos que não aceitam tal existência.

Portanto, mesmo com o seu direito de adoção e constituírem uma família, não se torna como algo que a sociedade entende como certo. Neste caso da adoção, no olhar da sociedade tradicional será visto como algo fora do padrão tradicional determinado pela sociedade. Assim tendo certa discriminação e julgamento negativo por ser algo fora do que a sociedade concebe.

Em outra matéria publicada no site do Movimento LGBT³, o jornalista apresenta alguns outros direitos conquistados pelo grupo LGBT, neste caso, o reconhecimento do nome social para travestis, transexual e transgêneros. Instituições como o Conselho Federal de Medicina (CFM) e a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) reconheceram o nome social de médicos e advogados trans, respectivamente. Outro direito também conquistado foi derivado de uma campanha de saúde pelo Ministério da Saúde, onde sugere-se humanizar o atendimento para travestis, mulheres transexuais e homens trans no Sistema Único de Saúde. Em uma notícia divulgada no site G1, um veículo de comunicação, em maio de 2017, traz a decisão tomada pela Quarta Turma do Supremo Tribunal de Justiça sobre a mudança de sexo para transexuais que podem alterar seu sexo no registro civil sem a necessidade da realização da cirurgia para a mudança de sexo.⁴

Em janeiro de 2017, o portal G1, publicou uma matéria sobre a primeira advogada transgênera a possuir a carteirinha da OAB com o seu nome social⁵.

Conforme a matéria publicada no G1,

A advogada Márcia Rocha recebeu a primeira certidão da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) São Paulo com o nome social nesta segunda. O Conselho Federal da entidade ratificou a decisão. Para o presidente da OAB São Paulo, a entrega do documento é uma conquista dos direitos humanos em período marcado por retrocessos.

³ Disponível em: <http://movimentolgbt.com.br/6-avancos-do-movimento-lgbt-brasileiro-que-marcaram-2016/>. Acesso em: 15/10/2017

⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/stj-decide-que-transexual-pode-mudar-sexo-no-rg-mesmo-sem-cirurgia.ghtml>. Acesso em: 15/10/2017

⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/brasil-tem-primeira-advogada-transexual-atuando-com-nome-social.ghtml>. Acesso em: 15/10/2017

Márcia Rocha, em entrevista para o G1, mostra como é importante o recebimento deste certificado,

Morrem pessoas todos os dias por conta unicamente do preconceito. Portanto, a possibilidade de fazer com que as pessoas pensem sobre esse assunto e nos vejam enquanto seres humanos, capazes de trabalhar e de exercer uma profissão com seriedade, como é a advocacia, eu acho extremamente importante

Após ler a entrevista completa podemos perceber que este grupo celebra cada vitória, cada conquista em busca de seus direitos. As pequenas conquistas vão tornando este grupo mais forte e seguro de si.

Outra forma que mostra ainda mais a força deste grupo são as paradas do orgulho *gay* que ocorrem em todo o Brasil. Conforme Dutra e Miranda (2013, p. 140)

Atualmente, as paradas do orgulho *gay* são movimentos compostos por diversos eventos, que têm como finalidade a busca pelos direitos dessa comunidade, a festa é uma forma de atrair esse público para as cidades. A maior parada de orgulho *gay* do Brasil ocorre em São Paulo e teve seu início no ano de 1997, atraindo atualmente milhares de participantes.

Ou seja, a parada do orgulho *gay* se torna um grande palco e uma grande festa pela causa dos direitos LGBT. Esse evento gera uma grande repercussão para esse grupo que vem sendo marginalizado pela sociedade.

Um caso que gerou polêmica foi a decisão da Justiça que permite tratar homossexualidade como doença, de acordo com o site Veja⁶

A Justiça Federal do Distrito Federal permitiu, em caráter liminar, que psicólogos possam tratar gays e lésbicas como doentes e possam fazer terapias de “reversão sexual” sem sofrer nenhum tipo de censura por parte do Conselho Federal de Psicologia (CFP). Esse tipo de tratamento é proibido por meio de uma resolução editada pelo CFP em 1999, já que desde 1990 a homossexualidade deixou de ser considerada doença pela Organização Mundial da Saúde. O CFP vai recorrer às instâncias superiores.

Com essa decisão da Justiça Federal se obteve muitas manifestações e revoltas por todos os lados, principalmente do grupo LGBT. Como pode haver tanto retrocesso por parte da sociedade? Com isso, Symmy Larrat, presidente da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Travestis e Transexuais (ABGLT), relata na entrevista o repúdio da comunidade LGBT sobre a decisão tomada pela Justiça Federal,

⁶ Disponível em: <http://veja.abril.com.br/brasil/justica-permite-tratar-homossexualidade-como-doenca/>. Acesso em: 15/10/2017

Para nós, LGBT, esta decisão nos coloca de volta num cenário onde homossexuais eram tratados como doentes e torturados. Sabemos que há práticas de tortura psicológica e até exorcismos sendo cometidos contra jovens homossexuais e esta decisão reforça este tipo de situação. Infelizmente a homofobia está internalizada no Judiciário também, mas acreditamos que o Superior Tribunal Federal não permitirá que isso ocorra.

Com essa pequena discussão em relação a identidade de gênero percebemos as diferentes classificações existentes além do padrão normativo da heterossexualidade imposto pela sociedade. Dos direitos e lutas que o grupo LGBT vem ganhando ultimamente podemos perceber uma grande atenção por parte da sociedade para esta população, grupo que cada vez tem ganho mais voz no cenário atual. No próximo capítulo será feita uma breve discussão de como o estudo de Geografia e dos estudos sobre Gênero se relacionam e acabam gerando uma outra perspectiva de se estudar sobre a Geografia.

1.3 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA SOBRE A TEMÁTICA LGBT E OS ESTUDOS GEOGRÁFICOS

Um dos objetivos centrais deste trabalho foi a realização de uma pesquisa bibliográfica acerca da temática proposta: o LGBT e os estudos geográficos. Com a temática definida, a busca começou em periódicos e em referenciais geográficos. Os periódicos escolhidos para a produção desta pesquisa foram: a Revista Latino-americana de Geografia e Gênero⁷, Revista Espaço e Cultura⁸, o Caderno Prudentino de Geografia, e os anais do evento Fazendo Gênero. A Revista Latino-americana de Geografia e Gênero é voltada para a publicação de artigos relacionados aos temas Geografia, Gênero e Sexualidade. A Revista conta com a participação do Grupo de Estudos Territoriais da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), no Estado do Paraná. Foi criada em 2009, e seu primeiro número foi lançado no ano de 2010. A pesquisa nesta revista abarcou desde sua primeira edição em 2010, até a última edição em 2017. A procura pelos trabalhos se deu como prioridade por aqueles em que trabalhavam a temática LGBT e os estudos geográficos.

Na Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, os textos encontrados serviram de inspiração e referencial para este trabalho. Alguns dos textos encontrados

⁷ Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>. Acesso em: 28/11/2017.

⁸ Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura>. Acesso em: 28/11/2017

sobre o assunto foram “Tinha Travesti Brincando de ‘Pira’: Construção Simbólica de Hierarquias e Territorialidades na Prática da Prostituição” dos autores Osvaldo Silva Vasconcelos, Danila Gentil Cal e Marisa de OLIVEIRA Mokarzel (Revista Latino Americana de Geografia e Gênero, 2016). Esse texto faz uma análise sobre as dinâmicas existentes nos territórios de prostituição na cidade de Belém no Estado do Pará, usando os conceitos de território e territorialidade junto com um grupo participante do LGBT, as Travestis.

Outro texto sugestivo foi o “Dinâmica, Espacialidade e Relações Homocomerciais: o exemplo das saunas de boys na uber carioca” de autor Miguel Angelo Ribeiro (Revista Latino Americana de Geografia e Gênero, 2015). Onde o autor fez uma análise da dinâmica e da espacialidade das saunas masculinas na cidade do Rio de Janeiro, além da análise das relações comerciais dos prostitutos.

A revista Espaço e Cultura é uma publicação do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura (NEPEC) do Departamento de Geografia Humana da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Essa revista tem como objetivo a propagação da discussão de pesquisas que privilegiam o estudo da cultura na dimensão espacial. Os textos que são publicados na revista trazem uma linha mais da Geografia Humanística, da Geografia da Percepção. Publicada pela primeira vez em 1995, suas publicações se dão semestralmente, de janeiro a junho e julho a dezembro, a série histórica escolhida para a pesquisa foi a partir de 2002 até 2015, observando cada texto publicado em cada edição.

Alguns dos textos que tratam das questões de gênero, e como este tema colabora nas transformações espaciais, são: “Religião, Gênero e Território: discursos midiáticos da parada gay de São Paulo” de Nilton Abranches Junior e Arthur Marques de Almeida Neto (Revista Espaço e Cultura, 2015) e “As Vivências Travestis e Transexuais no espaço dos terreiros de cultos afro-brasileiros e de matriz africana” de Taiane Flôres do Nascimento e Benhur Pinós da Costa (Revista Espaço e Cultura, 2015).

Fazendo Gênero é um evento que ocorre todo ano na Universidade Federal de Santa Catarina, porém a edição escolhida foi a nona que teve como tema Diásporas, Diversidade, Deslocamentos que ocorreu entre o dia 23 a 26 de agosto de 2010. Este evento teve como objetivo temas que se criam movimentos pela dispersão dos povos e culturas por entre espaços geográficos.

Alguns títulos de trabalho que representam a temática LGBT e os estudos geográficos são “Territórios In(visíveis): A produção social do espaço das boates GLS” de Esmael Alves de Oliveira, onde o autor trata de reflexões de um trabalho de campo, que buscou a problematização dos diferentes significados sociais atribuídos ao espaço das boates GLS em Manaus. Assim como o trabalho “Territórios LGBT em Salvador – Usos do Espaço, Sociabilidade e Violência” de Érico Silva do Nascimento, Osvaldo Fernandez e Marco Antonio Matos Martins. Onde se teve a apresentação da distribuição espacial de locais frequentados pela população LGBT e uma associação dos crimes contra essa população juntamente com a espacialização feita sobre os locais de frequência LGBT.

O Caderno Prudentino de Geografia consiste em uma publicação semestral da Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção Local Presidente Prudente, em São Paulo. A série história investigada nesta revista se inicia no ano de 2011 e segue até 2016. Dentre os trabalhos encontrados, pode-se destacar dois deles: “Territorialidades na Parada LGBT em Juiz de Fora – MG” de Raphaela Granato Dutra e Laís Ximenes Miranda (Caderno Prudentino de Geografia, 2013), onde traz uma análise das microterritorialidades criadas no período da Parada LGBT na cidade de Juiz de Fora. Outro trabalho é “As relações entre espaço, violência e vivência travesti na cidade de Ponta Grossa- Paraná- Brasil” de Vinicius Cabral, Marcio Jose Ornat e Joseli Maria Silva (Caderno Prudentino de Geografia, 2013), que aborda a relação do espaço e violência que alguns grupos de travestis sofrem na cidade de Ponta Grossa.

Além desses periódicos, fizemos uma pesquisa em livros que tratam sobre a questão de gênero, como por exemplo “As Geografias culturais do corpo” de Ana Francisca de Azevedo, José Ramiro Pimenta e João Sarmento (Figueirinhas, 2009) e “Geografias Subversivas” de Joseli Maria Silva (Todavia Editora, 2009).

2. O LUGAR NOS ESTUDOS DE GEOGRAFIA E GÊNERO

Este capítulo trará uma breve discussão sobre a Geografia e o estudo de gênero, acerca de como os estudos sobre a temática de gênero contribuem para os estudos geográficos, que vem ganhando força a respeito dessas duas temáticas. Em segundo momento, será feito um breve relato acerca da pesquisa bibliográfica em relação a temática LGBT e os estudos geográficos.

2.1. ESPAÇO COMO LUGAR SIMBÓLICO

Segundo Tuan (1983, p.39)

Espaço é um termo abstrato para um conjunto complexo de ideias. Pessoas de diferentes culturas diferem na forma de dividir seu mundo, de atribuir valores às suas partes e de medi-las. As maneiras de dividir o espaço variam enormemente em complexidade e sofisticação, assim como as técnicas de avaliação de tamanho e distância. Contudo existem certas semelhanças culturais comuns, e elas repousam basicamente no fato de que o homem é a medida de todas as coisas. Em outras palavras, os princípios fundamentais da organização espacial encontram-se em dois tipos de fatos: a postura e a estrutura do corpo humano e as relações (quer próximas ou distantes) entre pessoas. O homem, como resultado de sua experiência íntima com seu corpo e com outras pessoas, organiza o espaço a fim de conformá-lo a suas necessidades biológicas e relações sociais.

Conforme o autor, o homem irá organizar o espaço de acordo com as necessidades, tanto sociais quanto afetivas. E o espaço extrapolaria essa visão unitária de substrato para ações humanas, sendo que o corpo se torna uma forma de expressão, sendo uma expressão social ou pessoal, criando possibilidades de estudos em diversas áreas, assim como a Geografia.

Segundo Azevedo, Pimenta e Sarmento (2009, p.17),

o corpo sempre foi um tema central na tradição dos estudos geográficos de gênero, especialmente os oriundos da tradição dos estudos feministas, tradição esta que desde o início desenvolveu especiais ligações com a teoria psicanalítica e tentou integrar o papel da identidade 'feminina' (entendida também e fulcralmente como política de corpo e de sexualidade) na definição das relações sociais.

O corpo tem ganhado grande importância nos estudos geográficos, fazendo com que ampliassem as pesquisas acerca dos estudos de gênero. De acordo com Silva (2009, p.25),

A geografia científica produzida por nós geógrafas (os) é um campo de saber engendrado por relações de poder. Apenas quando assumimos a postura de que o discurso científico é uma construção social e desenvolvemos uma atitude crítica sobre os modos de se fazer a geografia, duvidando da consagração das verdades estabelecidas pela versão hegemônica difundida na historiografia do pensamento geográfico, é que compreendemos as razões das ausências de determinados sujeitos como agentes produtores do discurso científico geográfico.

A ausência de sujeitos da qual a autora fala, pode estar relacionada também a grupos LGBT. Segundo Corrêa (2003, p.13), “o espaço urbano possui cinco agentes transformadores e um deles são os grupos sociais excluídos”. Com isso, o grupo LGBT se encaixa na classificação de Corrêa, pois podem ser considerados grupos sociais excluídos e, por consequência, os espaços em que habitam também podem ser marginais.

Esses espaços que acabam se tornando marginais por conta da exclusão de grupos sociais assim se restabelecem como um espaço de expressão cultural para estes grupos, no caso o LGBT. Os indivíduos acabam criando laços com esses espaços, sendo eles afetivos ou não. Podendo ter a criação de símbolos e sensações de pertencimento, tratando como algo mais perceptivo. Com isso o estudo da Geografia Humanística se torna uma vertente com a questão da percepção, segundo Rocha (2007, p.21)

a Geografia Humanista é definida por bases teóricas nas quais são ressaltadas e valorizadas as experiências, os sentimentos, a intuição, a intersubjetividade e a compreensão das pessoas sobre o meio ambiente que habitam, buscando compreender e valorizar esses aspectos

A geografia humanística trabalha com a questão de pertencimento, de percepção, sendo uma vertente da geografia que prioriza as experiências de pessoas e de grupos em relação ao espaço. Com isso, se pode ter diversas formas de percepção através de cada olhar, conforme Tuan (1980, p.04)

percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica, e para procriar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura.

Com isso as percepções dos indivíduos se formam a partir dos estímulos que ocorrem um determinado lugar. No caso do grupo LGBT, as sensações e os símbolos representam a forma em que esse grupo se reconhece nesses espaços. Assim, esses

grupos sociais excluídos e suas relações espaciais podem se tornar uma possibilidade de objeto de estudo para as pesquisas geográficas.

Segundo Silva (2009, p.26)

A ciência geográfica hegemônica é marcada por privilégios de sexo e de raça, características que dificultaram a expressão das espacialidades dos grupos das mulheres, dos não-brancos e dos que não se encaixam na ordem heterossexual dominante. Durante muito tempo, as existências espaciais desses grupos ou de suas ações concretas não foram consideradas adequadas como objetos de estudos do campo da geografia.

Ou seja, as expressões que esses grupos praticam nos espaços em que se encontram, em grande medida, são deixadas de lado pelos estudos geográficos.

Porém, no decorrer das últimas duas décadas, os estudos sobre Geografia e Gênero passaram a ter mais visibilidade no cenário brasileiro. Conforme Ornart (2008), “as discussões geográficas envolvendo a relação entre as temáticas gênero, espacialidade e sexualidade colocam-se no Brasil num conjunto de esparsos trabalhos” (p. 311). Ou seja, poucos trabalhos se referiam a essas duas temáticas de grande importância. A temática de Gênero vem ganhando força nos estudos geográficos e ganhando visibilidade de certos temas, como no caso de espacialidades LGBT.

Os estudos de Geografia e Gênero trazem uma das principais categorias de análise para a ciência geográfica, o espaço, se tornando um importante elemento para a discussão geográfica. De acordo com Corrêa (2003) “O espaço urbano é simultaneamente fragmentado e articulado: cada uma de suas partes mantém relações espaciais com as demais, ainda que de intensidade muito variável” (p.07). Com isso, o espaço se torna um lugar mutável, de acordo com suas apropriações, como por exemplo, um espaço em que se torna um shopping center, onde o mesmo se articula de acordo com os serviços oferecidos.

Cabral, Ornat e Silva (2013) vão afirmar que o “espaço, por sua vez, é elemento componente da ordem social e funciona tanto como reproduzidor das normas, como possibilidade de transgressão, já que as pessoas vivem por meio do desenvolvimento de espacialidades” (p.119). Assim, os autores afirmam que o espaço mutável cria novas espacialidades e, com isso, lugares com caráter cultural diferentes. Por meio desse espaço e suas diversas articulações, encontramos uma diversidade de símbolos criados a partir da apropriação do mesmo por grupos LGBT.

Com as diferentes culturas que existem em nossa sociedade estão em constante transformação. A cultura que se cria em determinados espaços se aflui da determinada relação produzida no mesmo. Conforme Cosgrove (2004, p.101),

A cultura não é algo que funciona através de seres humanos; pelo contrário, tem que ser constantemente reproduzida por esses em suas ações, muitas das quais são ações não reflexivas, rotineiras da vida cotidiana

Ou seja, a cultural é algo que sempre está em reprodução pelos seres humanos, no caso do LGBT, as ações causadas por esse grupo atuam na constante reprodução da sua cultura, com suas representações e formas de expressões. Podendo ocorrer em um determinado espaço, ocasionando a construção de uma espacialidade definida por suas ações.

As culturas têm uma certa relação de poder, a partir de culturas que são dominantes sobre as outras, como exemplo a cultura do heterossexualismo. Conforme o mesmo autor, Cosgrove (2004, p. 104) afirma que

o estudo da cultura está intimamente ligado ao estudo do poder. Um grupo dominante procurará impor sua própria experiência de mundo, suas próprias suposições tomadas como verdadeiras, como a objetiva e válida cultura para todas as pessoas

Assim, a sociedade impõe o heterossexualismo como uma cultura válida para as pessoas, onde as experiências que serão modelos sociais é a construção de um casal homem e mulher. Porém, atualmente, percebemos que o cenário está mudando com a ascensão do grupo LGBT, com suas formas e representações distintas de relações afetivas.

A partir da cultura estabelecida em uma determinada espacialidade no espaço, temos a criação de símbolos que representam essa determinada apropriação. Os símbolos condizem com o que se pode ter no lugar que represente o determinado grupo. Conforme Mello (2003, p.64),

Lugares e símbolos adquirem profundo significado, através dos laços emocionais tecidos o longo dos anos. Conciliar, entender e decodificar o conteúdo de magnitudes diferenciadas como pátria, prédios, ginásios e as simples pedras do caminho são as tarefas a serem empreendidas nessas reflexões inaugurais.

Ou seja, a presença de uma cultura, seja qual for, ira acarretar símbolos que irão adquirir ao longo do tempo um significado, um valor. No caso da comunidade

LGBT, o símbolo principal, que caracteriza a população, é a bandeira do arco íris. Seus significados representam a luta de uma população, tornando-se assim um símbolo importante e de extremo orgulho para essa população.

Acerca da simbologia da paisagem, Cosgrove (2004) afirma que “todas as paisagens possuem significados simbólicos porque são o produto da apropriação e transformação do meio ambiente pelo homem” (p. 108). Com isso, as espacialidades e as relações existentes nas mesmas são fruto da apropriação e transformação que os grupos sociais causaram na paisagem, formando símbolos característicos.

Com a criação de símbolos característicos a partir de relações existentes nos espaços, se tornam grandes formas de representações, como por exemplo o Cristo Redentor, localizado no morro do Corcovado na cidade do Rio De Janeiro, que se tornou um símbolo característico da cidade do Rio de Janeiro. Além de tornar-se um ponto turístico para a cidade, a sua representação simbólica faz com que as pessoas associem o Cristo Redentor com a cidade do Rio de Janeiro.

Assim como o Pão de Açúcar e o Cristo Redentor são símbolos da cidade do Rio de Janeiro, espaços de lazer e consumo LGBT na cidade de São Paulo também se tornam elementos simbólicos na paisagem urbana. Um exemplo é a boate gay *The Week*. França (2013, p.153) afirma que,

Um fator fundamental era a visibilidade adquirida pelo estabelecimento; era quase obrigatória a sua presença nos principais guias e roteiros de lazer da cidade, fossem eles da mídia segmentada ou não. Na internet, era visibilizada por muitos sites e blogs como a mais importante boate gay do país, além de ser a maior delas. Sua visibilidade era aumentada, ainda, pelas filiais no Rio de Janeiro e da *The Week* Floripa e pelos projetos internacionais, em que a sua marca era responsável pela promoção de festas na Europa.

Por conta da visibilidade alcançada pela boate *The Week*, a mesma se tornou um símbolo valorado pela comunidade LGBT da cidade de São Paulo, bem como de outras cidades. Com isso se tornou símbolo da população homossexual por ser uma boate de representação para essa comunidade, onde se encontra relações sociais e afetivas, com o espaço e com o público presente. A criação de laços afetivos com o espaço se dá como uma forma de se sentir representado por um certo local, trazendo uma sensação de pertencimento ao lugar, chamada de topofilia.

Para Tuan (1980, p.107), topofilia

é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão.

Ou seja, a topofilia se dará a partir dos laços construídos em um espaço por um indivíduo. Podendo ter variações de intensidade e modos de expressão, onde uma pessoa pode criar um laço afetivo com o espaço mais forte do que outro, criando assim uma certa intimidade com o lugar por se sentir bem com o mesmo. Com isso, cada ação ou demonstração de um grupo ou de um indivíduo acaba tornando o espaço um símbolo para aquele indivíduo ou grupo. Por exemplo, um campo de futebol acarreta muitas ações e demonstrações de indivíduos que torcem por um determinado time, assim criando símbolos que acabaram se tornando referência a aquele espaço.

Puccinelli (2011, p.134) relata

O Shopping & Convention Center Frei Caneca, localizado na rua de mesmo nome, no bairro de Cerqueira César, região central da cidade de São Paulo, tem sido palco de discursos diversos de pertencimento, fluxos e identidades no que se refere à já bastante divulgada frequência de públicos homossexuais.

Ou seja, o público dos homossexuais utiliza os espaços do shopping, pois nele existem relações sociais e afetivas com que os mesmos se identificam, criando laços e a utilização de lojas e lugares do shopping que se referem a determinada população. Além de se criar relações sociais e afetivas, esses espaços podem ser caracterizados por símbolos resultantes de determinada apropriação. Segundo Mello (2003, p.70)

Símbolos afloram na experiência direta, transmitidos por outras pessoas ou apenas cultuados nos sonhos. Alguns são transitórios, outros imorredouros. Mas permanecem sendo construídos ou esquecidos pelos indivíduos e grupos sociais nos mais diversos lugares, espaços e “deslugares”.

Os símbolos estão em constante construção e alguns sendo esquecidos de acordo com o tempo, mesmo com a constante mudança continuam contendo os mesmos significados e valores que esses símbolos carregam. O olhar do geógrafo para cada tipo de paisagem, nem sempre será o mesmo, além da paisagem estar em constante mudança, um pequeno detalhe pode alterar uma determinada análise da paisagem. Tornando reflexões importantes para os textos da Geografia, diferentes reconhecimentos do espaço, das representações dos símbolos, das relações sociais inserida no espaço. Com isso, o olhar do geógrafo se torna uma arma fundamental para os estudos com as temáticas de Geografia e Gênero.

3. AS ESPACIALIDADES LGBT NO CENTRO DE FLORIANÓPOLIS

Este capítulo se divide em dois momentos, num primeiro momento será mostrado como se decorreu o planejamento do campo realizado para este trabalho e a apresentação da área de estudo. Em segundo momento será feita a apresentação e análise dos dados coletados em campo.

3.1. RECONHECENDO A ÁREA DE ESTUDO

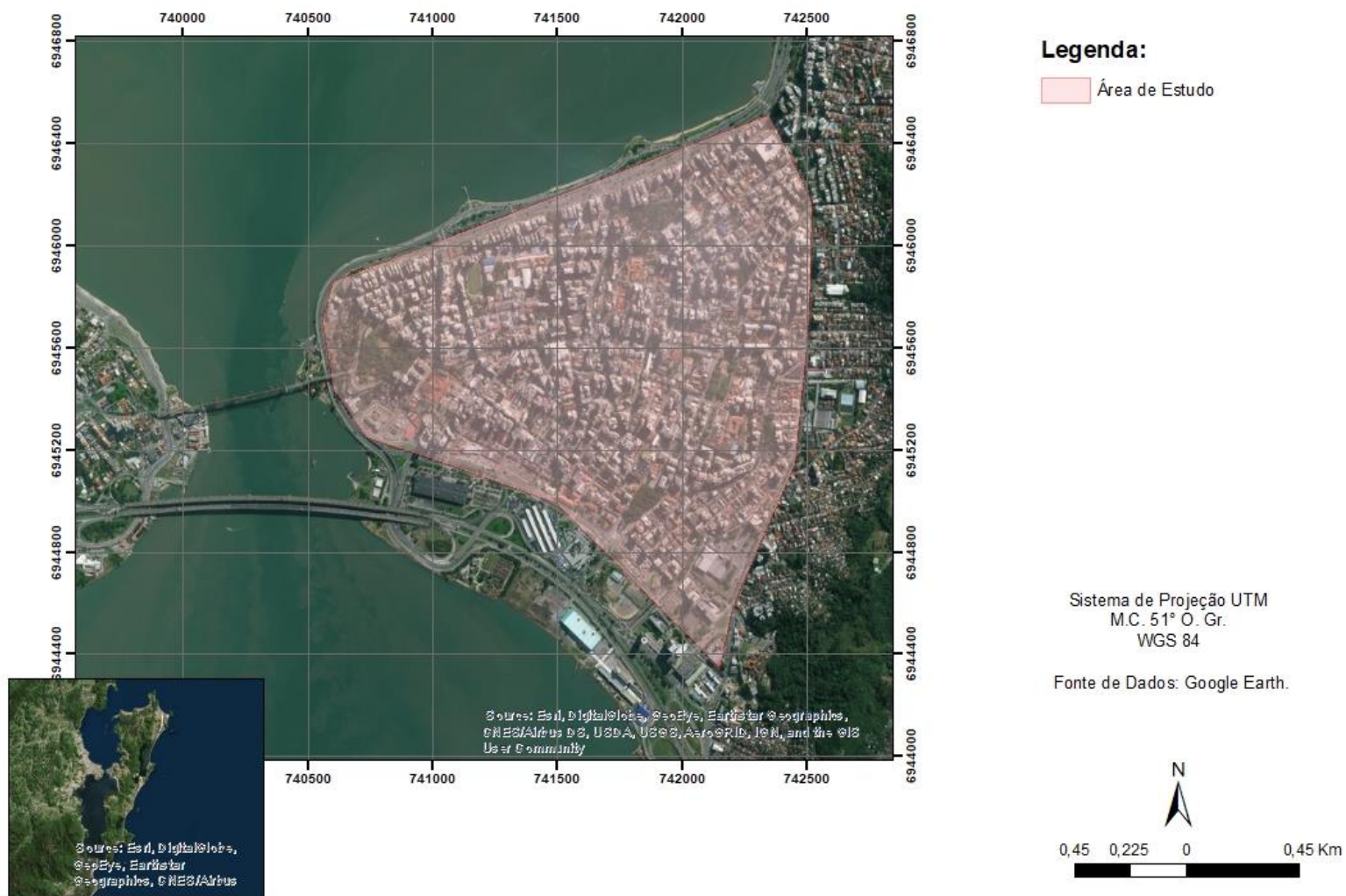
Para a obtenção de dados para que a análise fosse executada, primeiramente se obteve um planejamento do que seria feito em campo e a definição da área de estudo. Com a realização do planejamento foi decidido questões como o período de tempo da pesquisa, de cunho qualitativa, o questionário para a entrevista semiestruturada (Apêndice A), os dias em que se iria a campo e os locais.

A cidade de Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, possui uma população de aproximadamente 485.838 mil habitantes de acordo com o IBGE. Conhecida por ser uma cidade turística e suas belas praias, Florianópolis se torna uma capital de grande visibilidade. A cidade de Florianópolis, inclusive o centro da cidade, oferece muitos serviços à população, como por exemplo comércio, médicos, bancos, restaurantes e bares, entre outros.

A partir dos serviços oferecidos no centro da cidade, identificamos os espaços em que a população LGBT está presente, bem como suas sensações acerca destes.

A cidade de Florianópolis é dividida em distritos, de acordo com o IPUF (Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis). No plano diretor, o centro da cidade de Florianópolis se localiza no distrito Sede Ilha. Este distrito abrange também os bairros Agrônômica, Itacorubi, Trindade, Saco dos Limões, Monte Verde, entre outros. Pelo centro de Florianópolis ser uma área tão abrangente, se optou por fazer um recorte do distrito Sede Ilha. A área delimitada está compreendida entre a Avenida Mauro Ramos, a Avenida Jornalista Rubens de Arruda Ramos, popularmente conhecida como Beira Mar Norte, e a Avenida Paulo Fontes.

Figura 2 - Mapa da área eleita para a pesquisa



Fonte: Elaborado por Daniel Aguiar. Data: 27/11/2017

Num primeiro momento, selecionamos a área de pesquisa delimitando o espaço compreendido entre as avenidas Mauro Ramos, Paulo Fontes e Jornalista Rubens de Arruda Melo para o recorte do centro da cidade. Após esta seleção, imprimimos um mapa da área, o qual foi utilizado durante as entrevistas. O mapa serviu de auxílio para que os entrevistados apontassem quais eram os lugares e as sensações em que os mesmos causavam ao entrevistado, como será visto mais adiante.

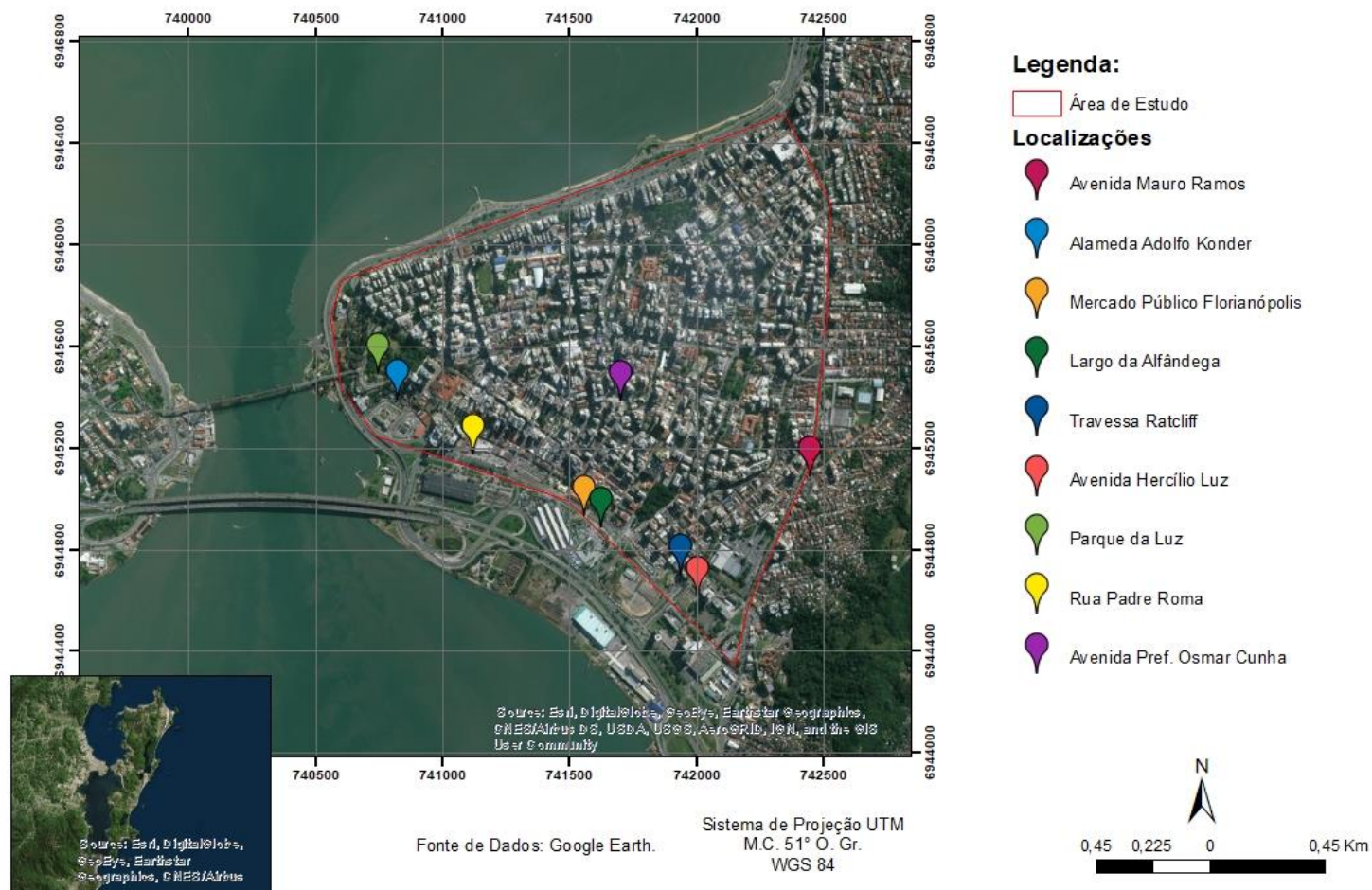
Na entrevista, buscamos saber um pouco mais sobre os espaços em que essa população está presente no centro da cidade, com base nas questões definidas no questionário. O questionário utilizado para as entrevistas continha nove questões, sendo elas: A primeira pergunta questionava sobre a orientação sexual do entrevistado. Se a pessoa se considera homossexual gay ou lésbica, transexual, transgênero e bissexual. Na segunda pergunta gostaríamos de saber a idade do entrevistado, na terceira pergunta demandava sobre a frequência em que o entrevistado utilizava os espaços no centro de Florianópolis. Na quarta pergunta indagamos sobre quais eram esses lugares que o entrevistado utilizava e na quinta pergunta foram questionados por qual motivo se deu a procura desses espaços. Essas duas últimas questões foram alternativas abertas, para que o entrevistado portasse livremente com as escolhas dos espaços. A sexta pergunta questionava se o entrevistado considerava o centro de Florianópolis um local de referência para a população LGBT. Na sétima pergunta o entrevistado foi indagado a apontar no mapa três lugares em que o mesmo sentia a sensação de estar acolhido, a sensação de bem-estar. Na oitava pergunta o entrevistado também foi indagado a apontar no mapa mais três lugares, porém dessa vez seriam lugares que causassem a sensação de sofrer constrangimento, incômodo, tensão. A última pergunta questionava como o entrevistado se reconhecia nesses espaços.

Ao todo foram entrevistadas trinta pessoas durante a realização do campo. As entrevistas aconteceram no período vespertino e noturno nos dias 26, 27 e 28 de outubro e 08, 09, 10 e 11 de novembro de 2017. Os períodos foram escolhidos por conta da disponibilidade ao longo do dia, entre as três horas da tarde e à meia noite. Os espaços onde realizamos as entrevistas, conforme o mapa abaixo, foram no Largo da Alfândega, na Alameda Adolfo Konder, na Travessa Ratcliff, na Avenida Hercílio Luz, na Avenida Mauro Ramos, no Parque da Luz, no Mercado Público de Florianópolis, na Avenida Prefeito Osmar Cunha e na Rua Padre Roma. Os lugares

escolhidos para as entrevistas foram a maior concentração de lugares como referências para a comunidade LGBT no centro de Florianópolis. Por serem locais de referências para essa comunidade, a incidência de maiores números de pessoas se concentram nos mesmos.

Na sequência, apresentamos os dados e as análises com base nas entrevistas realizadas.

Figura 3 - Mapa dos pontos onde foram realizadas as entrevistas



Fonte: Elaborado por Daniel Aguiar. Data: 27/11/2017

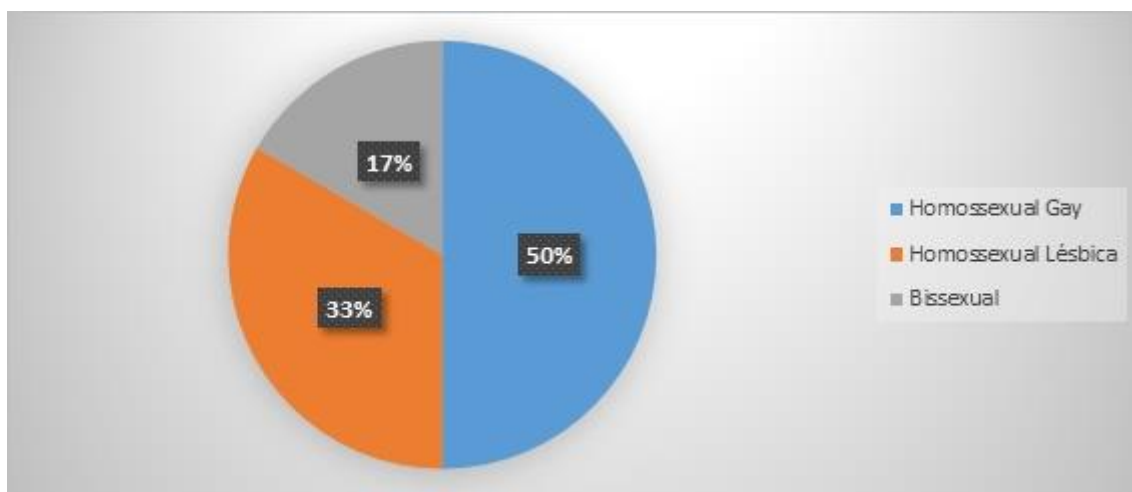
3.2. LUGARES E SUAS DIFERENTES PERCEPÇÕES

Os lugares de uma determinada cidade podem apresentar percepções diferentes para os habitantes em que se estabelecem nela, sendo nativos ou visitantes, neste caso, o grupo em questão é a população LGBT. O enfoque da pesquisa foi questionar as sensações que os espaços apresentam a estes indivíduos, além de reconhecer os espaços em que costumam frequentar, pois podemos ter diferentes olhares e percepções acerca dos mesmos.

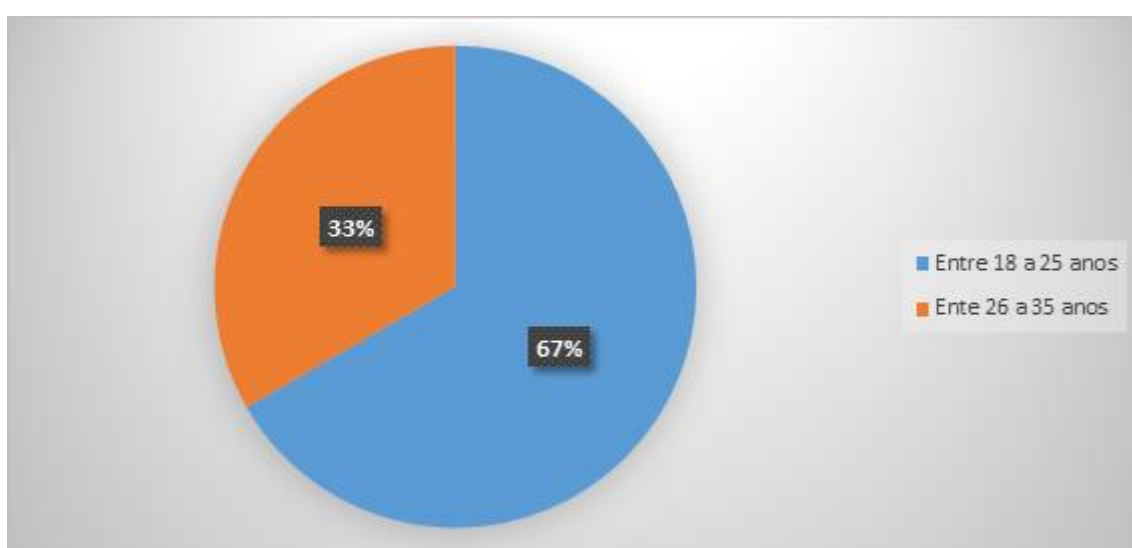
Os olhares em relação aos lugares em que a comunidade LGBT se propaga pelo centro da cidade variam de acordo com cada entrevistado. Como relata Tuan (1980, p.70), “nas culturas em que os papéis dos sexos são fortemente diferenciados, homens e mulheres olharão diferentes aspectos do meio ambiente e adquirirão atitudes diferentes para com ele”. Assim, para um determinado espaço podemos ter a construção de diferentes sensações e significados para cada entrevistado.

Em relação à primeira pergunta, acerca da orientação sexual do entrevistado, constatamos que 50% dos entrevistados se consideravam homossexual *gay*, 33% gênero mulher com orientação homossexual lésbica e 17% gênero mulher ou homem com orientação bissexual, como pode ser observado no gráfico 1. Durante o período de entrevistas não obtivemos dados acerca de entrevistados que se consideram transexual ou transgêneros.

Em relação à segunda questão da entrevista, quanto à faixa etária dos entrevistados, 67% dos entrevistados possuía idades entre 18 e 25 anos e 33% entre 26 e 35 anos, conforme gráfico 2. Um dado curioso foi que não se obteve entrevistados acima de 35 anos. Com isso, podemos concluir que os espaços onde foram feitas as entrevistas concentra uma população LGBT mais jovem, prevalecendo a faixa etária de entre 18 a 25 anos.

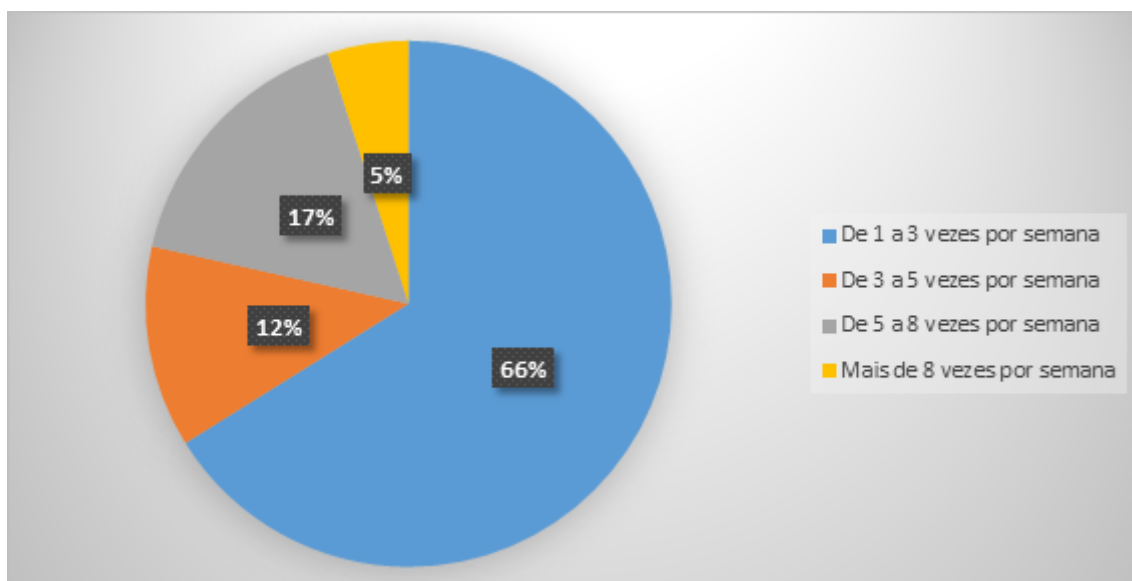
Gráfico 1 - Orientação sexual dos entrevistados

Fonte: Produção da autora. Data: 17/11/2017.

Gráfico 2 - Faixa etária dos entrevistados

Fonte: Produção da autora. Data: 17/11/2017.

Em relação a terceira pergunta que abordou a frequência em que os entrevistados utilizavam os espaços no centro de Florianópolis, obtivemos que 66% dos entrevistados fazem uso desses espaços de uma a três vezes por semana, já 12% utilizam de três a cinco vezes por semana, 17% usufruem de cinco a oito vezes por semana e apenas 5% utilizam esses espaços mais de 8 vezes por semana, como representado no gráfico 3.

Gráfico 3 - Frequência da utilização dos espaços no centro de Florianópolis

Fonte: Produção da autora. Data: 17/11/2017

Na quarta pergunta, que se tratava de uma questão aberta, os entrevistados foram questionados quais seriam os lugares em que utilizavam no centro da cidade. Com as respostas adquiridas, percebemos que os espaços em que os mesmos utilizavam variavam entre baladas, bares, shopping center, restaurantes, locais de integração e locomoção, lugares históricos e pontos turísticos de Florianópolis. Os espaços mais citados nas respostas foram as baladas 1007 Floripa, Jivago Social Club, Mercado Público de Florianópolis, Largo da Alfândega, Avenida Beira Mar Norte, Shopping Beira Mar e o Terminal de Integração do Centro (TICEN), ilustrados nas fotos abaixo.

Figura 4 - Mercado Público de Florianópolis



Fonte: Produção da autora. Data: 25/11/2017.

Figura 5 - Rua Felipe Schmidt



Fonte: Produção da autora. Data: 25/11/2017.

Figura 6 - Largo da Alfândega



Fonte: Produção da autora. Data: 25/11/2017.

Figura 7 - Travessa Ratcliff



Fonte: Produção da autora. Data: 25/11/2017.

Figura 8 - 1007 Floripa



Fonte: Produção da autora. Data: 25/11/2017.

Figura 9 - Terminal de Integração do Centro (TICEN)



Fonte: Produção da autora. Data: 25/11/2017.

A quinta pergunta também se tratou de uma questão aberta, onde os entrevistados foram questionados acerca dos motivos em que procuravam esses espaços. Os espaços citados nas entrevistas se baseiam no cotidiano dos entrevistados, em relação ao seu dia a dia, os entrevistados relataram diferentes motivos para que buscam esses espaços como entretenimento, lazer, diversão, alimentação, transporte, necessidades e obrigação.

As sensações espaciais dos entrevistados na área de estudo são: a) as baladas e bares no centro da cidade por motivos de lazer e diversão, por se ter o encontro de amigos e de um público mais alternativo; b) os restaurantes, padarias e lanchonetes por serem lugares de alimentação utilizados pelos entrevistados em sua rotina de estudos e/ou trabalho; c) o Terminal de Integração do Centro e a Rodoviária Rita Maria são espaços em que os entrevistados utilizam com frequência pois dependem do transporte para sua locomoção, também são utilizados como pontos de encontro a esses indivíduos.

Uma resposta chamou muito a atenção onde o entrevistado respondeu faculdade como um dos espaços em que ele utiliza pelo centro da cidade, assim o motivo que o mesmo usou para justificar a escolha foi: *“O motivo que procuro esse espaço, a faculdade onde estudo, é mais por obrigação de ir do que por vontade”*. Com isso, muitos espaços em que essa população utiliza tem a ver com a obrigação de estudos e empregos. França (2013, .150) afirma que “o significado adquirido por um lugar sempre é produzido a partir das relações com os outros lugares e com outras pessoas”. Assim, as relações em que esses indivíduos constroem uma ligação com os espaços e assim acabam se tornando lugares marcantes em suas vidas e em seu cotidiano.

Seguindo com a sexta pergunta, uma questão objetiva e aberta, os entrevistados foram indagados se o centro de Florianópolis seria um local de referência para a população LGBT e o porquê de o centro ser uma referência. 13% dos entrevistados responderam que consideram o centro de Florianópolis um local de referência sim, pois são locais que expressam a população LGBT. Porém apenas três dos 13% dos entrevistados responderam de fato o porquê de o centro ser um local de referência. O entrevistado 17 respondeu que

no TICEN e em bares, o público LGBT se junta para trocar ideias e conversas, como se fossem grandes encontros dessa população. Além disso, há festas

públicas, onde o número da população aumenta e acaba sendo um momento de se conhecerem e de confraternização.

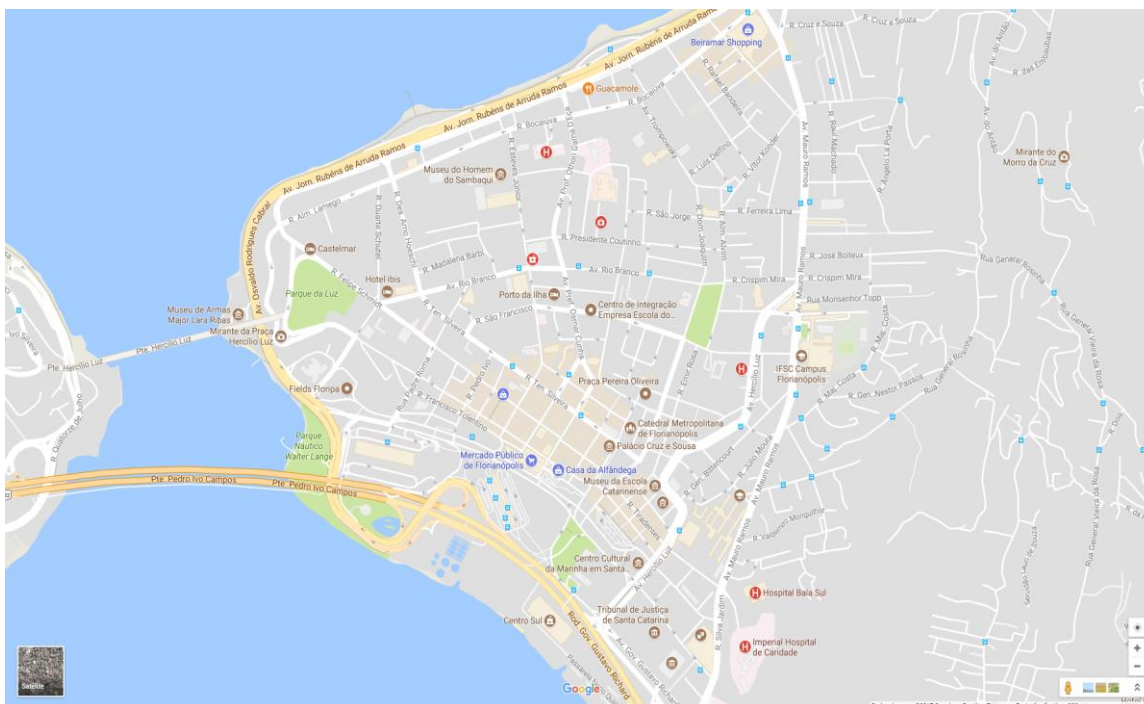
Outros dois entrevistados disseram: *“Porque tem vários lugares que valorizam e focam na população LGBT e também a maioria dos eventos que envolvem essa população ocorrem no centro”*.

Já 84% dos entrevistados mostraram que o centro de Florianópolis talvez represente a população LGBT, pois poderia ter alguma forma a mais de expressão. Muitos dos entrevistados não se posicionaram sobre o porquê de talvez o centro da cidade ser um local de referência, porém alguns relataram a mesma opinião sobre o assunto. Os entrevistados 14, 16 e 18 responderam que falta apoio por parte da prefeitura da cidade e também o apoio do Governo do Estado à comunidade LGBT. Uma das entrevistadas relatou:

A mudança de local da Parada Gay que era realizada na Beira Mar Norte, foi transferida para a Beira Mar Continental pois era uma afronta aos costumes familiares, por isso ela foi transferida para outro lugar. A comunidade LGBT deveria ter um apoio maior por parte da prefeitura.

Na sétima pergunta, os entrevistados se depararam com uma questão aberta, onde os mesmos foram indagados a apontar no mapa em anexo (Figura 10) ao questionário três lugares no centro de Florianópolis que lhes causavam sensações de felicidade, de estarem acolhidos, de bem-estar e justificar o motivo ou o porquê da escolha destes espaços.

Figura 10 - Mapa de auxílio nas entrevistas

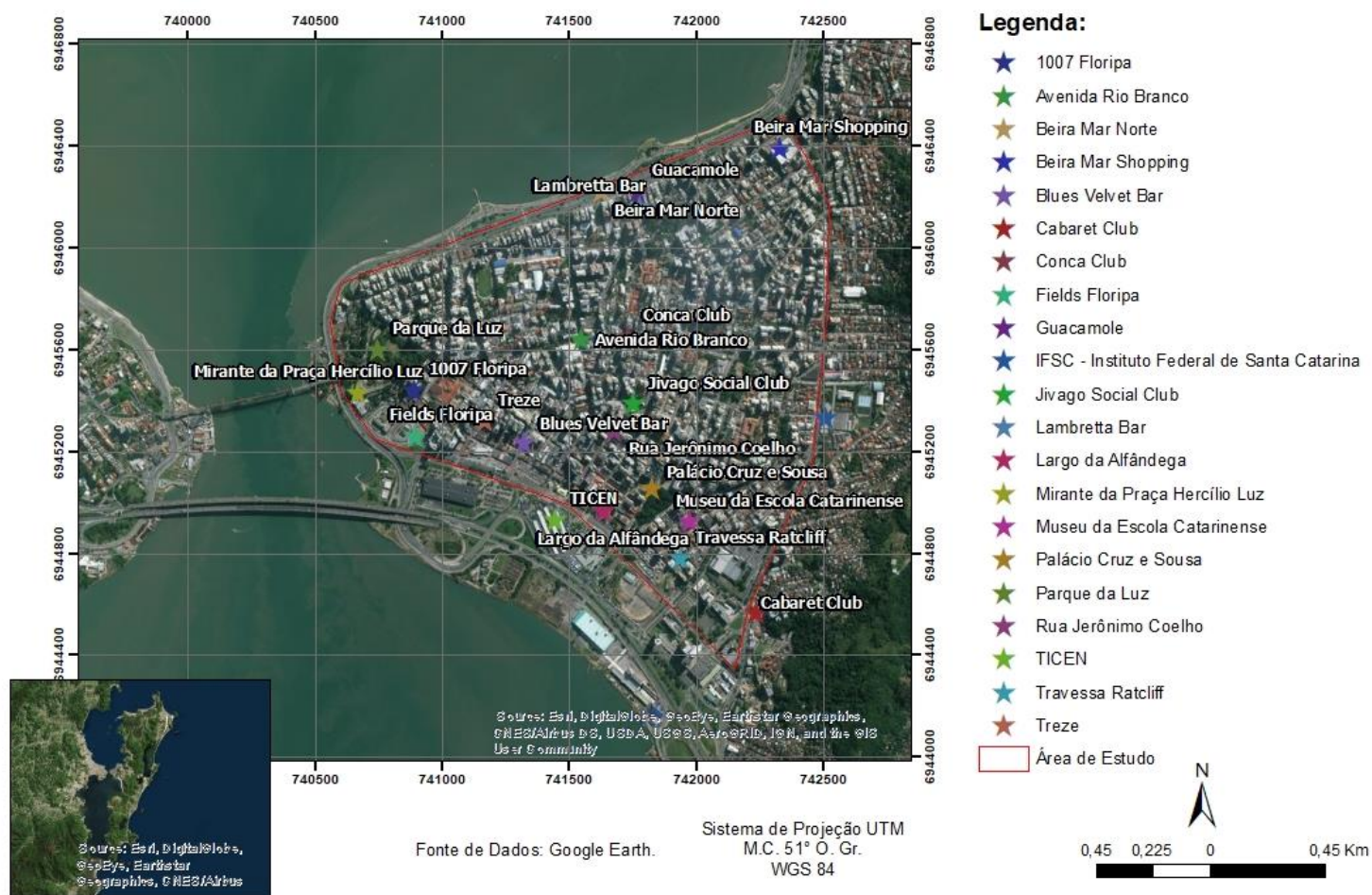


Fonte: Adaptação Google Maps. Data: 22/10/2017.

Os lugares em que os entrevistados responderam e apontaram, representados no mapa abaixo, foram: Parque da Luz, Mirante da Praça Hercílio Luz, Largo da Alfândega, Palácio Cruz e Sousa, Beira Mar Norte, Beira Mar Shopping, 1007 Floripa, Fields Floripa, Jivago Social Club, IFSC (Instituto Federal de Santa Catarina, Travessa Ratcliff, Conca Club, Guacamole Restaurante, Avenida Rio Branco, Trezem Blues Velvet Bar, Museu da Escola Catarinense, TICEN, Rua Jerônimo Coelho, Lambretta Bar e Cabaret Club.

As baladas citadas fazem com que os entrevistados tenham a sensação de bem-estar por conta de poderem ser do jeito que são, por encontrar os amigos, por serem lugares mais alternativos e terem um estilo de música de suas preferências, por se sentirem livres. Já em restaurantes e bares, o porquê foi mais por conta da alimentação, por serem locais de boa culinária e de um ambiente agradável. Nos lugares como os pontos mais famosos do centro da cidade, como Mercado Público e Palácio Cruz e Sousa, o motivo foi por conta da história da cidade, além de sentirem não sofrer preconceitos.

Figura 11 - Mapa de lugares que transmitem sensações boas

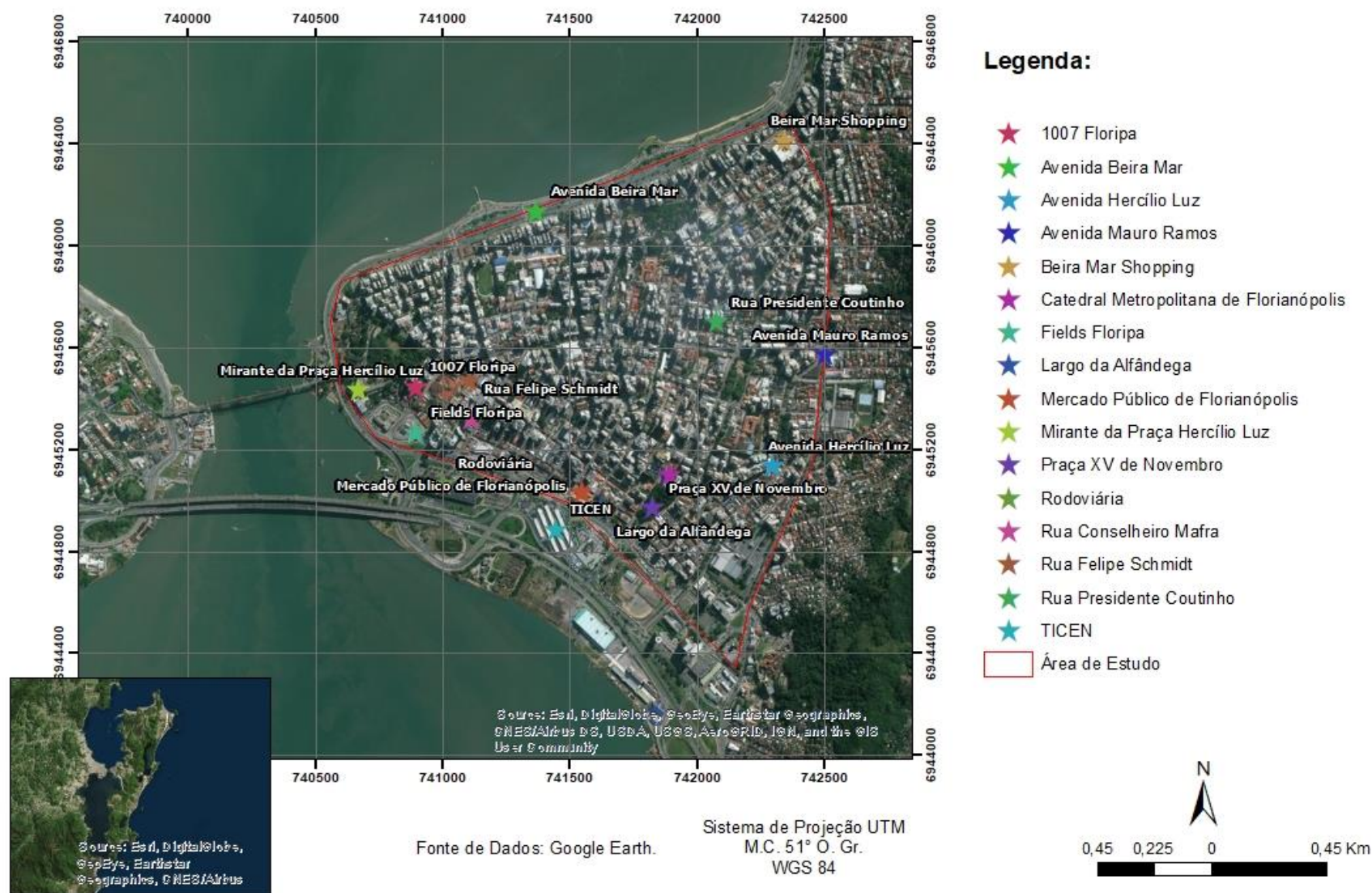


Na oitava pergunta, ao contrário da sétima, os entrevistados deveriam apontar no mapa três lugares em que sentiam sensações de constrangimento, de tensão, mal-estar e que justificassem o porquê das escolhas.

Os lugares escolhidos pelos entrevistados, conforme o mapa abaixo, foram: Rodoviária Rita Maria, Mercado Público de Florianópolis, Rua Presidente Coutinho, Largo da Alfândega, Praça XV de novembro, Catedral Metropolitana de Florianópolis, Beira Mar Shopping, TICEN, Avenida Beira Mar Norte, Fields Floripa, Rua Felipe Schmidt, Avenida Hercílio Luz, Mirante da Praça Hercílio Luz, 1007 Floripa, Avenida Mauro Ramos e Rua Conselheiro Mafra.

Os entrevistados escolheram estes lugares por motivos de receberem olhares de discriminação, muitos casos de homofobia, violência física e/ou verbal, por serem lugares que no período noturno se tornam mais perigosos por conta de mendigos, moradores de ruas e assaltantes.

Figura 12 - Mapa de espaços que transmitem sensações ruins



Fonte: Elaborado por Daniel Aguiar. Data: 27/11/2017

Na nona pergunta, os entrevistados foram questionados pelo motivo com que eles se reconhecessem naqueles espaços e com base em suas respostas, obtivemos os seguintes motivos: a) *o fato de não me olharem torto com uma forma estranha*, b) *pela maioria ser da comunidade LGBT*, c) *por poder ser eu mesma*, d) *felicidade por encontrar os amigos que estão afim de curtir*, e) *situações boas e ruins vividas nesses espaços*, f) *por conta das pessoas pelo público e a aceitação nesses espaços*, g) *me vestir do jeito que gosto*, h) *o querer de fazer amizades*, i) *me sinto igual as outras pessoas*, j) *me sinto bem nesses espaços por poder ser quem eu sou sem medo*, k) *o respeito mútuo entres as pessoas*, l) *não me reconheço 100% nesses espaços pois um vez ou outra sempre tem alguma forma de preconceito*, m) *a possibilidade de ser você mesmo em Florianópolis juntamente com seus amigos*, n) *pelo o que as pessoas transmitem sendo algo bom ou ruim*.

Ao analisar os dados coletados nas entrevistas, percebemos que os espaços citados pelos entrevistados têm uma certa mudança de público nos diferentes períodos. Assim como Knabben relata em “Práticas Territoriais de Travestis no centro de Florianópolis”, determinadas áreas possuem uma grande concentração diurna, sendo utilizadas pela população durante o dia a dia, por conta de trabalho, comércio, movimento intenso de carro, porém, na parte noturna é possível ver as áreas bastantes desertas (KNABBEN, 2015). Podemos perceber a mesma coisa durante a execução da pesquisa, como os espaços que foram utilizados para as entrevistas mudavam, por exemplo o Mercado Público de Florianópolis. No período diurno, percebemos um intenso fluxo de pessoas, comerciantes, funcionários circulando pelo Mercado, porém, no período noturno, o Mercado Público fica deserto, apenas com moradores de ruas transitando pela área. Aos finais de semanas as áreas das baladas e dos bares ficam mais movimentadas por conta das festas e das pessoas que aproveitam para curtir a noite e se divertirem.

Podemos perceber durante a pesquisa que assim como Tuan mostra em “Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente”, que a percepção é uma atividade, um estender-se para o mundo, onde suas atividades e explorações, são cada vez mais dirigidas por valores culturais (TUAN, 1980). Os lugares em que a comunidade LGBT criam valores culturais para essa comunidade, onde criam experiências a partir de suas explorações vivenciadas em seu cotidiano. Assim cada indivíduo é capaz de construir a sua visão de lugar, com suas percepções e sentimentos.

Com base nos dados colhidos, temos uma população LGBT mais jovem nesses espaços, porém durante o período das entrevistas não obtivemos pessoas acima de 36 anos, porventura de frequentarem diferentes locais do pessoal mais jovem. Assim como não obtivemos entrevistados transexual ou transgêneros durante o período de entrevistas, talvez por não estarem nos locais durante este período.

A questão do preconceito é o fator principal para esta comunidade, pois foi muito relatado pelos entrevistados como a comunidade LGBT sofre com a homofobia e violência. É o que Oliveira (2010, p. 3) diz em seu trabalho “Territórios In(visíveis): a produção social dos espaços das boates GLS”, onde o autor diz

pude perceber ao longo do trabalho de campo que uma boate GLS não é um ambiente onde as diferenças são superadas. Pelo contrário, as mesmas contradições presentes na sociedade que as cerca, também se fazem presente no seu contexto.

E podemos perceber isso na prática, onde em uma balada que se diz alternativa, existe muitas diferenças na mesma. Em muitos casos não são tomadas as devidas providências por parte da administração do lugar.

Além de Oliveira, no trabalho “Geografia da Diversidade: Breve Análise das Territorialidades Homossexuais no Rio de Janeiro”, Barreto (2010, p.17) relata que “o preconceito, que faz com que muitos indivíduos não exerçam a forma plena a sua identidade, vivendo no ‘armário’, assim vistos pela sociedade, pode haver conflitos”. Contudo, podemos perceber muitas vezes casais homossexuais se restringindo por conta deste preconceito, não podendo andar de mãos dadas por medo de sofrer algum tipo de preconceito.

Ao observar os mapas elaborados acerca das sensações, podemos observar que muitos lugares se repetem nos dois, porém, com sensações diferentes para cada olhar. Um dos entrevistados disse que não se incomodava na balada 1007 Floripa, pois na mesma se tinha muito respeito com que frequentava aquele lugar. Porém para outro entrevistado o espaço da 1007 Floripa lhe causava uma sensação de medo, pois não saberia se sofreria algum tipo de discriminação por parte de frequentadores heterossexuais. Com isso o que para um grupo de pessoas o lugar representa algo bom, onde o mesmo se sinta bem, porém para outras o lugar não passa algum tipo

de segurança. Nas fotos abaixo temos alguns locais em que aparecem nos mapas mostrados anteriormente, onde obtivemos essa diferença de sensações.

Cada indivíduo cria a sua percepção sobre um determinado espaço e tendo assim significados diferentes, foi o que percebemos ao analisar os dois mapas, um dos entrevistados diz que não se sente bem no Beira Mar shopping, porém se sente bem no cinema do shopping. Logo o questionamos querendo saber o porquê dessa diferença se estão no mesmo espaço ele disse que a energia que o shopping trazia a ele era uma energia pesada, além dos olhares tortos de muitas pessoas. Já no cinema o mesmo se sentia mais livre sem os olhares preconceituosos.

Em todo o momento da pesquisa, principalmente as pessoas que se propuseram a responder o questionário, tiveram um comportamento acolhedor em relação à pesquisa. Se propuseram a ajudar e concordaram de livre espontânea vontade participar da mesma. O que se pode perceber foi que muitas pessoas decidiam não responder a pesquisa simplesmente por não quererem ou por se sentirem inseguro em relação ao que se tratava. Esse receio por parte de algumas pessoas da população LGBT é muito notável, pela questão da homofobia sofrida por partes de alguns.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo realizado em campo, juntamente com o referencial teórico, foi possível entender um pouco mais sobre as percepções e sentidos dos lugares freqüentados pela comunidade LGBT de Florianópolis.

Essa comunidade é muito vulnerável aos preconceitos e discriminações que temos em nossa sociedade, por conta de um padrão heterossexual definido por ela. Esse padrão normativo faz com que muitos indivíduos se reprimam por conta da discriminação. A comunidade LGBT luta frequentemente contra o preconceito ao qual é exposta e o resultado dessa luta é visto no aumento das conquistas de direitos e políticas públicas, os quais vêm aumentando a confiança dessa comunidade.

Com a pesquisa bibliográfica acerca da temática LGBT na Revista Latino-americana de Geografia e Gênero e na Revista Espaço e Cultura, além dos livros propriamente, percebemos o aumento da contribuição da temática de gênero para os estudos geográficos. Conforme os artigos levantados, percebemos como a comunidade LGBT se apropria de determinados espaços. Essas leituras foram insumo para refletirmos sobre as diferentes relações espaciais produzidas no cotidiano dessa população em Florianópolis.

A metodologia definida para a pesquisa foi condizente com os objetivos que queríamos alcançar. Por meio da entrevista semiestrutura analisamos as sensações que cada entrevistado sentia em relação ao um determinado lugar no centro de Florianópolis. A pesquisa mostrou que os espaços mais frequentados por esta comunidade fazem parte do seu dia a dia. Lugares que muitas vezes fazem parte de suas necessidades, como bares e restaurantes ou locais de integração para o uso de transporte público.

Os lugares têm grande importância para essa comunidade, pois são neles que os indivíduos criam diferentes relações, além de usufruírem desses lugares por necessidade e lazer, criando sensações e percepções do mesmo. A procura por esses espaços no centro de Florianópolis por parte da comunidade LGBT, os torna lugares com um grande valor simbólico e afetivo, pois os indivíduos se sentem acolhidos e protegidos nesses espaços, mostrando que ali eles podem se identificar e mostrarem o que eles realmente são.

A pesquisa possibilitou termos uma outra forma de olhar e observar as relações existentes nesses espaços, como os receios e as restrições que esta comunidade

pode encontrar em um determinado lugar. Conforme as relações existentes nesses espaços percebemos que essa comunidade apresenta diferentes jeitos de se portar nesses espaços. Por meio dos relatos das sensações do público entrevistado, podemos perceber uma comunidade que vem carregando medos e receios durante toda a sua história, com conquistas alcançadas ou lutas ganhadas, a determinação de se viver cada dia que passa é evidente em algumas pessoas e principalmente em casais homossexuais.

Um fato que chamou atenção foi na resposta das questões abertas sobre os lugares que lhes causavam sensações boas ou ruins, o receio que tivemos ao realizar as entrevistas, era que os entrevistados apontassem apenas as baladas que se referem ao público LGBT, por serem lugares alternativos e apoiarem a causa da comunidade. Porém, ao analisar os dados, os entrevistados apontaram diversos lugares, além das baladas alternativas, fazendo com que a hipótese que tínhamos no começo fosse completamente desconstruída.

A partir desse trabalho, esperamos abrir novas possibilidades de pesquisas, podendo ser investigada, inclusive, como as territorialidades da comunidade LGBT se portam no espaço. As pesquisas que discutem a questão de gênero são de suma importância, pois são evidências do reconhecimento de grupos sociais e de suas especificidades, e não apenas pelo padrão imposto pela sociedade.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ana Francisca de; PIMENTA, José Ramiro; SARMENTO, João (orgs.). **As Geografias culturais do corpo**. Livraria Figueirinhas. 2009.

BARRETO, Rafael Chaves Vasconcelos. Geografia da diversidade: breve análise das territorialidades homossexuais no Rio de Janeiro. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**. Ponta Grossa. v.1. n.1.p.14-20. jan./jun. 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 2003.

COSGROVE, Denis. A Geografia Está em Toda Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In: **Paisagem, tempo e cultura**. CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

COSTA, Ronaldo Pamplona da. **Os onze sexos**: as múltiplas faces da sexualidade humana. São Paulo. Editora Gente, 1994.

FREITAS, Bruno de. Cidade. **Gênero e sexualidade**: Territorialidades LGBT em Uberlândia, MG. 2016. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2016.

IBGE. **Cidades**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso em 10/11/2017.

IPIUF. **Plano diretor de Florianópolis**. Disponível em: <http://planodiretorflorianopolis.com.br/novo/distritos-sede-ilha/>. Acesso em: 15/11/2017.

KNABBEN, Raphael Meira. **TRAVESTI NÃO É BAGUNÇA: PRÁTICAS TERRITORIAIS DE TRAVESTIS NO CENTRO DE FLORIANÓPOLIS**. 2015. 59 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Curso de Geografia, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2016

LGBT. **As cores da bandeira LGBT e o seu significado**. 2016. Disponível em: <<http://www.lgbt.pt/cores-bandeira-lgbt/>>. Acesso em 25 de junho de 2017.

MACHADO, Ricardo William Guimarães. População LGBT em situação de rua: uma realidade emergente em discussão. **I Congresso Internacional de Política Social e Serviço Social**: Desafios Contemporâneos. Londrina. jun. 2015.

MELLO, João Baptista Ferreira de. SÍMBOLOS DOS LUGARES, DOS ESPAÇOS E DOS “DESLUGARES”. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 16, p. 64-72, jul./dez. 2003.

MOVIMENTO LGBT. **6 avanços do movimento LGBT brasileiro que marcaram 2016**. 2016. Disponível em: <<http://movimentolgbt.com.br/6-avancos-do-movimento-lgbt-brasileiro-que-marcaram-2016/>>. Acesso em 12 de junho de 2017.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Princípios de Yogyakarta**, 2007. Disponível em:

<http://www.clam.org.br/uploads/conteudo/principios_de_yogyakarta.pdf>. Acesso em 28 de setembro de 2017.

ORNAT, Marcio José. Sobre espaço e gênero, sexualidade e geografia a feminista. **Terr@Plural**, Ponta Grossa, v. 2, n. 2, p. 309-322, jul./dez. 2008.

PUCCINELLI, Bruno. Territórios sexuais: análise de sociabilidades homossexuais no shopping gay de São Paulo. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**. Ponta Grossa, v.2, n.1, p.133-140. jan./jul. 2011.

RIBEIRO, Miguel Angelo. Dinâmica, Espacialidade e Relações Homocomerciais: o exemplo das saunas de boys na urbe carioca. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**. Ponta Grossa. v.6. n.2. p.213-234. ago./dez. 2015.

SANTOS, Milton. O território e o saber local: algumas categorias de análise. **Cadernos do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional**. Rio de Janeiro. v.13.n.2. ago./ dez. 1999.

SILVA, Joseli Maria (org). **Geografias Subversivas**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. **Supremo reconhece união homoafetiva**. 2011. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=178931>>. Acesso em 13 de junho de 2017.

TUAN, Yi-Fu,. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983. 250p.

TUAN, Yi-Fu,. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980. vii, 288p.

WYLLYS, Jean. **Tempo bom, tempo ruim: identidades, políticas e afetos**. São Paulo: Paralela, 2014.

APÊNDICES

Apêndice A

Roteiro de entrevista

Entrevistado nº _____

Data da entrevista:

Local da entrevista:

1) Você se considera:

- a) Homossexual Gay
- b) Homossexual Lésbica
- c) Travesti

- d) Transgênero
- e) Bissexual

2) Qual a sua idade?

- a) Entre 18 a 25 anos
- b) Entre 26 a 35 anos

- c) Acima de 35 anos

3) Qual frequência que você utiliza espaços no centro de Florianópolis?

- a) De 1 a 3 vezes na semana
- b) De 3 a 5 vezes na semana

- c) De 5 a 8 vezes na semana
- d) Mais de 8 vezes na semana

4) Qual(is) são esses lugares?

5) Por qual(is) motivo(s) você procura esses lugares?

6) Você considera o centro de Florianópolis um local de referência para a população LGBT? Por que?

- a) Sim, são locais que expressam a população LGBT
- b) Talvez, poderia ter alguma forma a mais de expressão.
- c) Não, não expressam nem um pouco

7) Aponte no mapa quais os três lugares que você sente a sensação de bem-estar, de felicidade, alegria, de estar acolhido? Justifique

8) Aponte no mapa quais os três lugares que você sente a sensação de sofrer constrangimento, tensão, incômodo? Justifique.

9) O que faz com que você se reconheça nesses espaços?
